

INTRODUÇÃO

aos cuidados de

Francesco MOTTO - José Manuel PRELLEZO - Aldo GIRAUDO

São João Bosco (1815-1888), 125 anos após sua morte, continua a interessar muitas pessoas no mundo inteiro. A sua figura de educador cristão, de sacerdote santo, de fundador e organizador genial é considerada significativa em nível internacional, dentro e fora da Família Salesiana, graças à presença e à ação apostólico-social dos seus discípulos e continuadores.

Esta publicação responde a uma explícita solicitação feita ao Reitor-Mor, padre Pascual Chávez Villanueva, pelo 26º Capítulo-Geral da Sociedade Salesiana (2008) para que fossem postas à disposição de todos os membros da Família Salesiana as *fontes principais* para o conhecimento do Santo.

Os organizadores do volume, diante da enorme quantidade de material conservado nos arquivos das obras impressas de Dom Bosco (coleccionadas em 37 volumes¹) e das edições críticas, foram obrigados a realizar uma ampla seleção em três âmbitos relevantes – o da história, da pedagogia e da espiritualidade.

Convém lembrar que os escritos de Dom Bosco não são o único instrumento para conhecer a sua pessoa e a sua obra. Pela maneira como foram redigidos, pelas finalidades que vez por vez o autor se propôs, pelas contingências históricas e pelos quadros mentais que eles representam, sozinhos, são insuficientes para oferecer a compreensão profunda do seu ser e do seu agir. Esses limites são superados pela leitura dos documentos e pelo estudo da vivência pessoal de Dom Bosco e da experiência viva educativo-pastoral do Oratório de Valdocco, hoje possível graças a um rico patrimônio de testemunhas externas. Os escritos revelam o pensamento do Santo e iluminam sua experiência vital em ato; somente esta, porém, permite interpretar corretamente os primeiros.

Não só. Uma vida como a de Dom Bosco, repleta de realidades muito diversificadas, de acontecimentos comuns, de elementos carismáticos e também excepcionais, uma existência vivida na fé, assinalada ao mesmo tempo pelo conservadorismo e pela modernidade, pela tradição e pela renovação, pela aderência histórica e pela profecia, só pode ser adequadamente compre-

¹ Giovanni BOSCO, *Opere edite*. Reimpressão anastática. Roma, LAS 1976-1977, 37 vol.

endida se for tomada na sua complexidade e nas suas mais variadas facetas históricas. A seleção de uns poucos aspectos, imaginando serem suficientes para um perfil completo, pode falsificar ou pelo menos limitar a compreensão de uma figura tão rica e profunda, de um ensinamento e de uma prática tão abundante de frutos históricos. Esta é a razão pela qual os estudiosos tendem a recolher o maior número possível de fontes e insistem na análise da sua autenticidade e do seu significado contextual.

Para compreender o *ser*, o *pensar* e o *agir* de Dom Bosco, o primeiro empenho deve ser o de situá-lo dentro das clássicas coordenadas espaço-temporais, no contexto histórico, pedagógico e religioso (mas também geográfico, político, cultural, econômico, eclesial...) em que viveu. Nesse amplo mosaico, sua figura assume um relevo específico, revela os traços que o caracterizam, deixa entrever os refolhos mais íntimos da sua alma, as luzes e as sombras que o assemelham a outros personagens do seu tempo ou que deles o distinguem.

Do seu tempo ele herdou concepções, hábitos, heranças históricas e aspirações de diversos tipos; por sua vez, deixou nele o sinal da sua passagem, das suas realizações e dos seus sonhos. Turim, o Piemonte e a Itália da segunda parte do século XIX e de todo o século XX teriam sido diferentes sem a presença ativa da Obra Salesiana nascida em Valdocco; inclusive a própria Obra Salesiana, no mundo, assumiria uma feição certamente diversa, caso tivesse surgido em outro contexto histórico e geográfico.

Apresentamos brevemente os três contextos principais nos quais se podem situar e compreender melhor os escritos de Dom Bosco, que a seguir publicamos.

1. Dom Bosco no contexto histórico do seu tempo²

Num primeiro momento consideramos útil apresentar um breve perfil do educador piemontês, situado no cenário histórico do século XIX. Nascido no ano do Congresso de Viena (1815), acontecimento que assinala o início da Restauração e tenta retornar ao sistema político e social anterior à revolução

² Inúmeros são os estudos sobre o século XIX italiano. Aqui nos limitamos a indicar um volume que analisa o Ressurgimento em todas as suas dimensões (política, simbólica, particular e europeia): Alberto Maria BANTI e Paul GINSBORG (editores), *Storia d'Italia. Annali*, vol. XXII. *Il Risorgimento*. Turim, Einaudi 2007. A respeito dos problemas religiosos e eclesiais da época cf. Gabriele DE ROSA, *Il movimento cattolico in Italia dalla Restaurazione all'età giolittiana*. Bari, Laterza 1988; ID. (editor), *Storia dell'Italia religiosa*, vol. III. *L'età contemporanea*. Roma-Bari, Laterza 1995; Maurilio GUASCO, *Storia del clero in Italia dall'Ottocento ad oggi*. Roma-Bari, Laterza 1997; Mario ROSA (editor), *Clero e società nell'Italia contemporanea*. Bari-Roma, Laterza 1992; Francesco TRANIELLO, *Cultura cattolica e vita religiosa tra Ottocento e Novecento*. Brescia, Morcelliana 1991.

francesa, Dom Bosco morre no fim do século (1888) numa Itália unificada havia cerca de trinta anos, mas carregada de problemas não resolvidos.

a. Os anos da formação (1815-1844)

O percurso formativo de João Bosco começa com a primeira educação em família, na região de Castelnuovo d'Asti (1815-1830); inclui o decênio dos estudos secundários (1831-1835) e seminarísticos (1835-1841) transcorrido em Chieri, e se encerra em Turim com o triênio de aprofundamento teológico-pastoral no Colégio Eclesiástico (1841-1844). São os anos da Restauração. No Piemonte, após uma primeira rígida tentativa de retorno à antiga ordem das coisas, que faliu com os movimentos revolucionários de 1821 no governo de Carlos Félix (1821-1831), concentramos a atenção sobre a realização de reformas graduais no campo estrutural e administrativo, comercial, militar e jurídico. Ao mesmo tempo, com o rei Carlos Alberto, amadurece o clima cultural que em 1848 levará à guinada constitucional parlamentar. Os principais atores da transformação são jovens aristocratas formados num espírito europeu, como os irmãos Máximo e Roberto d'Azeglio, Camilo Cavour e uma elite da burguesia empreendedora e culta, de ideias liberais, tendenciosamente hostil ao regime de privilégios de que gozavam as instituições religiosas, favorável ao movimento de unificação nacional.

A retomada econômica ocorrida graças às reformas de Carlos Félix e às esperanças suscitadas pelos grupos patrióticos e liberais por ocasião da ascensão de Carlos Alberto ao reino poupa o Piemonte de uma segunda onda de revoluções, que entre 1830 e 1831 atinge outros estados italianos (reino da Sicília, ducado de Módena, Estados Pontifícios) e que foi duramente reprimida. Nesse clima pululam as sociedades secretas. Em 1831 nasce a *Jovem Itália*, fundada por José Mazzini (1805-1873), ativista político de ideias republicanas, que desde o exílio propõe a abolição da monarquia e a unidade nacional, com Roma como capital. Imbuídos desses princípios, muitos patriotas organizam outros movimentos revolucionários (Savona e Gênova, 1834), todos destinados ao fracasso. Muitos deles são obrigados a partir para o exílio, como José Garibaldi. Nos anos seguintes, novas tentativas de sublevação na Calábria, na Sardenha e nas Romanhas são imediatamente sufocadas pela força³.

³ Dos movimentos revolucionários Dom Bosco colherá particularmente as consequências, isto é, “o espírito revolucionário e irreligioso”, fruto da corrupção dos costumes, de crítica ao depósito da fé e ao papado (cf. Giovanni BOSCO, *La storia d'Italia raccontata alla gioventù da' suoi primi abitatori sino ai nostri giorni*. Turim, Tipografia Paravia e Compagnia 1855, 480).

No jovem Dom Bosco, ocupado com seus estudos, não parece que esses acontecimentos tiveram alguma repercussão. No outono de 1835 ele entra para o ambiente fervoroso e envolvente do seminário de Chieri. A instituição, fundada sete anos antes pelo arcebispo Columbano Chiaveroti (1754-1831), é regida conforme um modelo inspirado na tradição formativa pós-tridentina⁴.

Idênticos são os ideais que Dom Bosco encontra depois da ordenação sacerdotal (1841) ao entrar para o Colégio Eclesiástico de Turim, para um triênio de especialização. Aqui, além do estudo, ele é encaminhado ao exercício pastoral nas paróquias e nas escolas dos bairros pobres, nas prisões e nas instituições de caridade. Graças a esse ministério, toma consciência dos problemas de uma cidade em rápido crescimento demográfico. Impressiona-se particularmente com o abandono educativo em que se encontram rapazes e jovens, e decide dedicar-se a eles. O catecismo dominical iniciado nos primeiros meses com um grupo de jovens trabalhadores se consolida.

Em 1844, quando Dom Bosco aceita o encargo de capelão das obras da marquesa Barolo no bairro periférico de Valdocco, as atividades se multiplicam e o número de jovens cresce. Com a ajuda de colegas capelães, de outros padres e leigos, ao catecismo acrescenta uma série de iniciativas educativas e sociais que conferem à obra uma fisionomia mais sólida. Nasce o Oratório de São Francisco de Sales, que se consolida desde o momento em que encontra uma sede estável na casa Pinardi (1846) e Dom Bosco decide abandonar os demais compromissos para dedicar-se exclusivamente a este. A obra se impõe pela sua eficácia preventiva e reeducativa, pela sua originalidade metodológica, num ambiente marcado por problemas sociais e juvenis que as autoridades custam a controlar. Dom Bosco recolhe e acompanha os jovens “pobres e abandonados”, forma-os e educa para uma inserção digna e ordenada na sociedade. Para eles compila e adapta textos de índole instrutiva, educativa e devocional; organiza uma casa de acolhida para os mais abandonados; abre um segundo oratório dedicado a São Luís Gonzaga no bairro de Porta Nuova (1847), apoiado por uma opinião pública sempre mais atenta ao seu trabalho e pela confiança dos administradores, do governo e da família real.

b. Um biênio que significa uma guinada (1848-1849)

Às vésperas de 1848, enquanto a Inglaterra realiza a revolução industrial que resulta em fortes prejuízos humanos, na França e no império austro-húngaro a economia se torna mais próspera, na Itália cresce também entre

⁴ Sobre os estudos humanísticos e seminarísticos da Turim da época cf. Aldo GIRAUDO, *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*. Roma, LAS 1993.

o povo o ideal patriótico nacional e o anseio pela unificação política dos diversos estados. O padre filósofo Vicente Gioberti (1801-1852) propõe uma fórmula confederativa sob a presidência do papa (*neoguelfismo*). Enquanto os ambientes católicos e moderados acolhem a mensagem favoravelmente, outros, inspirados por ideais republicanos ou por uma visão nacional mais compacta, a recusam. As aberturas reformistas e liberais do papa Pio IX, eleito em 1846, suscitam muitas simpatias. Pressionado pelos movimentos revolucionários que explodiram por toda a Europa, o rei Carlos Alberto, que em 1847 tinha suprimido a censura, promulga o Estatuto (4 de março de 1848), lei fundamental do Estado, inspirada em modelos franceses e belgas. Também Pio IX concede uma Constituição (14 de março de 1848) e institui duas câmaras legislativas, abrindo aos leigos a carreira política e administrativa. As opções do papa alimentam as esperanças dos liberais⁵. Outros soberanos italianos promovem reformas, enquanto na França, suprimida a monarquia, é eleito presidente da República Luís Napoleão Bonaparte (dezembro de 1848). Em 1848, também o império austríaco é sacudido por revoltas duramente reprimidas pelo exército. O chanceler Metternich se demite e o imperador Fernando I abdica em favor do jovem Francisco José (1830-1916).

Na onda dos movimentos que explodiram entre 17 e 18 de março em Veneza e Milão, os conselheiros induzem Carlos Alberto a declarar guerra à Áustria (23 de março de 1848). Após alguns sucessos iniciais, o exército piemontês é obrigado a assinar um armistício (5 de agosto), abandonando Milão nas mãos dos soldados imperiais. Pio IX, que julgou oportuno não participar da guerra (alocução de 29 de abril), é acusado pelos patriotas de traidor da causa nacional. Cai a ideia confederativa, e em relação ao papa a opinião pública se divide em duas frentes contrapostas: a hostil liberal radical e a católica conservadora. Retomada a guerra contra a Áustria, o Piemonte sofre pesada derrota em Novara (23 de março de 1849). Carlos Alberto abdica em favor do filho Vitória Emanuel II, que assina uma paz humilhante com os austríacos. Nesse meio tempo, por causa de graves desordens, Pio IX é obrigado a se refugiar em Gaeta (reino das Duas Sicílias), enquanto em Roma é proclamada a República (9 de fevereiro de 1849), que terá vida breve: ela cai no dia 3 de julho após a intervenção militar francesa que restaura o Estado Pontifício.

Nesse biênio difícil, Dom Bosco, em Turim, está empenhado em consolidar os Oratórios de Valdocco e de Porta Nuova, aos quais acrescenta o do Anjo da Guarda na periferia de Vanchiglia, que o fundador padre João Cocchi se sente obrigado a abandonar. Inicia também a *Sociedade de Mútuo Socorro* entre os oratorianos, assina contratos de trabalho para jovens trabalhadores e

⁵ A monografia mais ampla sobre o papa do Ressurgimento é a de Giacomo MARTINA, *Pio IX*. 3 vol. Roma, Università Gregoriana Editrice 1974-1990.

funda o jornal *O Amigo da Juventude*, que dura poucos meses (1848-1849). Apesar das dificuldades econômicas devidas à guerra, encontra os meios necessários para adquirir a casa Pinardi e o terreno adjacente, decidido a potenciar as atividades oratorianas para enfrentar o crescimento da pobreza econômica e moral.

A situação social de Turim naqueles anos pedia intervenções urgentes em todos os níveis. No decênio 1838-1848 a população passa de 117.072 habitantes para 136.849, o que representa um incremento de 19.777 unidades, correspondente a 16,89%. No decênio seguinte será de 31,28%, graças também ao constante fluxo migratório⁶.

As periferias das cidades assistem ao crescimento numeroso e desordenado de famílias inteiras ou de pessoas isoladas, em geral jovens, devido ao desenvolvimento da indústria manufatureira e da construção civil. Precariedade de trabalho, desnutrição, falta de higiene, somadas à ignorância, ao baixo nível salarial e à ausência de amortizadores sociais, repercutem nas condições gerais da vida das pessoas. O número dos pobres na cidade aumenta, inclusive com expressões de degradação moral e periculosidade social⁷.

Os acontecimentos políticos do biênio afetam de forma importante as opções de Dom Bosco e o futuro da sua obra. A euforia patriótica de alguns dos seus colaboradores, inclusive sacerdotes, e a guinada anticlerical provocada pelos acontecimentos convencem-no a tomar distância de qualquer perflhamento “político” (não quer criar inimigos por causa de fatos estranhos à sua missão) e particularmente a empenhar-se para formar colaboradores mais confiáveis, escolhidos entre seus próprios jovens do Oratório, plasmando-os segundo o seu espírito e os seus ideais. A partir desse momento, sua pessoa e sua obra adquirem prestígio e, com o crescimento da avaliação positiva da sua contribuição social, cresce também a beneficência.

c. O encaminhamento decisivo da Obra Salesiana no decênio de preparação da unificação da Itália (1850-1860)

Após a queda da República romana, Pio IX, que voltou para Roma, suprime a Constituição republicana, acentua o sentido religioso do seu pontificado, deixa para o secretário de Estado, cardeal Tiago Antonelli, a gestão

⁶ Cf. Giuseppe MELANO, *La popolazione di Torino e del Piemonte nel secolo XIX*. Turim, Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano-Comitato di Torino 1961, 73 e 124.

⁷ Uma descrição eficaz da situação social é dada por Umberto LEVRA, *L'altro volto di Torino risorgimentale 1814-1848*. Turim, Comitato di Torino dell'Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano 1988.

dos assuntos políticos, e se confia à proteção militar de Napoleão III, que em 1852 dá início ao segundo império francês.

Enquanto no resto da Itália o fracasso da primeira guerra de independência provoca um endurecimento antiliberal, o Piemonte não desiste de suas opções constitucionais. No fim de 1849, o governo conta com a colaboração de um parlamento moderado no qual, desde 1850, tem assento Camilo Cavour (1810-1861), que se torna primeiro ministro em novembro de 1852 e o será quase ininterruptamente até 1861, graças ao entendimento com o centro-esquerda de Urbano Rattazzi. É um decênio decisivo para a afirmação do Estado piemontês, durante o qual se consuma também uma nítida separação entre Estado e Igreja. A política de laicização tem forte acento anticlerical, que se torna patente em 1850 mediante as leis Siccardi ao determinar a abolição dos privilégios eclesiásticos e o exílio forçado do arcebispo Luís Fransoni. É também um processo de centralização estatal que culmina em 1855 com a abolição da personalidade jurídica das ordens religiosas e do açambarcamento dos seus bens (lei Cavour-Rattazzi) e em 1859 mediante a lei Casati da reforma escolar. Duras polêmicas exasperam os ânimos e provocam uma grave crise de consciência para os católicos, divididos entre patriotismo e fidelidade à Igreja.

Cavour conduz com sucesso a política externa piemontesa. Mediante a ação diplomática e a participação militar na guerra da Crimeia (1855) consegue transformar o problema da unificação italiana num problema europeu (Congresso de Paris em 1856) e se alia com Napoleão III (Plombières, julho de 1858) contra a Áustria. O apoio decidido do exército francês determina o sucesso da segunda guerra da independência, que culmina no dia 24 de julho de 1859 com a batalha de Solferino, de San Martino e a vitória franco-piemontesa, seguida pelo armistício de Villafranca (1º de julho) e pela paz de Zurique (10 de novembro). Como compensação pelo apoio militar da França, o Piemonte recebe Nizza (Nice) e a Saboia; além disso, anexa a Lombardia e, após plebiscitos populares (11-12 de março de 1860), também a Toscana e a Emília-Romanha. O Estado Pontifício, depois da batalha de Castelfidardo (18 de setembro de 1860), perde as Marcas, a Úmbria e a Sabina e fica reduzido ao Lácio. Cavour, explorando habilmente o sucesso da expedição de José Garibaldi contra o reino das Duas Sicílias, anexa ao Piemonte também os territórios da Itália meridional e torna possível a proclamação do reino da Itália (17 de março de 1861)⁸.

⁸ Sobre o “fautor da unidade da Itália” veja-se a obra monumental de Rosario ROMEO, *Cavour e il suo tempo*, 3 vol. [1818-1842, 1842-1854, 1854-1861]. Bari, Laterza 1984, e a mais recente biografia de Luigi CAFAGNA, *Cavour*. Bolonha, Il Mulino 1999.

Os acontecimentos políticos têm consequências dolorosas para os católicos fiéis à Santa Sé. Bispos e padres em desacordo com a política liberal lesiva dos direitos da Igreja são processados, removidos e também encarcerados.

Dom Bosco estremece ao ver o rumo tomado pelos acontecimentos, mas não desanima. Sem renegar a sua fidelidade ao papa, confirma a sua decisão de evitar qualquer tomada de posição política e se interroga a respeito das opções a fazer no contexto dos novos cenários. Atento às exigências dos jovens e das classes populares, colhe o momento favorável para desenvolver a obra de Valdocco. Entre 1851 e 1852 constrói a igreja de São Francisco de Sales, apoiado pelo governo e pela beneficência pública. Nomeado pelo arcebispo Frasoni, diretor-chefe dos três oratórios (31 de março de 1851), consegue a autonomia necessária para realizar os seus projetos. Dentre os jovens escolhe seus próprios colaboradores, que encaminha aos estudos eclesiásticos e forma de acordo com o seu espírito. Amplia a casa anexa ao Oratório e a transforma num instituto educativo para estudantes e aprendizes. Em 1853 constrói a primeira parte de um novo edifício, que completa em 1856: ali inicia oficinas e aulas em nível ginásial. O número dos alunos cresce enormemente, em particular depois da aquisição da vizinha casa Filippi (1860), que permite ulterior ampliação edilícia. Nesse meio tempo, o projeto de criar uma congregação para o serviço da sua obra, sugerido pelo ministro Rattazzi e apoiado por Pio IX, se concretiza com a fundação da Pia Sociedade de São Francisco de Sales (18 de dezembro de 1859): é uma guinada que determinará o desenvolvimento futuro da Obra Salesiana.

Enquanto isso, sua fama se consolida, graças às mais variadas iniciativas educativas e sociais por ocasião da epidemia do cólera-morbo (1854), às publicações populares, ao feliz empreendimento das *Leituras Católicas* (iniciadas em 1853) e à incansável mobilização da beneficência mediante rifas e cartas circulares. É precisamente esta genial sensibilização da opinião pública, posta à prova no decênio 1850-1860 e em seguida aperfeiçoada, que permitirá à Obra Salesiana encontrar os recursos necessários para decolar em nível local e mundial.

Seu inconfundível modelo formativo e sua pedagogia “espiritual” encontram uma formulação narrativa ideal na vida do aluno Domingos Savio (1859), amplamente difundida, que contribui grandemente para propagar o conhecimento e a estima da obra de Dom Bosco.

O decênio 1850-1860 pode ser considerado decisivo na vida do Santo. Nele se consolidam sua personalidade carismática e suas visões, e se lançam as bases sólidas para desenvolvimentos futuros no campo organizativo, pedagógico e espiritual.

d. O crescimento da Obra Salesiana fora de Turim no decênio da realização da unidade nacional (1861-1870)

O novo reino da Itália, após a morte prematura de Camilo Cavour (6 de junho de 1861), deverá enfrentar grandes problemas: políticos, diplomáticos, econômico-sociais, culturais, administrativos e também religiosos, por causa do desentendimento com a Igreja e, a partir de 1870, por causa da “questão romana”, que se prolongará até os Pactos Lateranenses (1929).

O sucessor de Cavour, Bettino Ricasoli, tenta inutilmente induzir o papa a renunciar ao Estado Pontifício. Depois de bloquear a expedição militar de Garibaldi para conquistar Roma (outubro de 1862), opta-se pela via diplomática. Mediante o acordo de setembro (1864), o primeiro ministro Marcos Minghetti garante ao imperador Napoleão III a integridade do Estado Pontifício em troca da retirada das armas francesas de Roma e a transferência da capital para Florença, o que ocorre em 1865.

No ano seguinte, na guerra austro-prussiana, a Itália se perfila com a Prússia (junho de 1866). É a terceira guerra da independência. Apesar das derrotas italianas, graças aos sucessos dos prussianos e à diplomacia francesa, o reino da Itália obtém a anexação da região do Vêneto, com exceção das cidades de Trento e Trieste. Quatro anos mais tarde, aproveitando-se da vitória dos prussianos sobre os franceses em Sedan (1º de setembro de 1870) e a queda do segundo império, o exército italiano marcha sobre Roma e conquista a cidade eterna no dia 20 de setembro (brecha de Porta Pia), pondo fim aos Estados Pontifícios. Pio IX se encerra no Vaticano. No dia 3 de fevereiro de 1871 Roma é proclamada capital do reino da Itália: um Estado centralizador, burguês, socialmente conservador e anticlerical.

O decênio 1861-1870 é marcado por fortes tensões e drásticas medidas fiscais que pesam fortemente sobre as camadas mais pobres da população, pela luta contra a bandidagem meridional e o endurecimento das relações com a Santa Sé, sempre mais intransigente na defesa dos princípios, na condenação do liberalismo e do laicismo e em proclamar a necessidade do poder temporal como garantia para sua liberdade. Com a publicação do *Sílabo*, “contendo os principais erros do nosso tempo” (8 de dezembro de 1864), confirma-se a ruptura definitiva da Igreja com o liberalismo e o fim de qualquer tentativa de conciliação entre católicos e sociedade contemporânea. O Estado prossegue seu projeto de laicização servindo-se de medidas radicais, mediante a extensão da lei de supressão das congregações, a liquidação dos bens eclesiásticos (1866-1867) e a abolição da isenção do recrutamento militar para os clérigos (1869). No Concílio Vaticano I a Igreja sanciona o primado pontifício e a infalibilidade papal no âmbito da fé e dos costumes.

Apesar de tudo, Dom Bosco continua na linha seguida nos anos anteriores e consegue, não somente consolidar o Oratório de Valdocco, mas também abrir novos horizontes: colhe inteligentemente as oportunidades que se apresentam e demonstra saber intuir as tendências do futuro. O desenvolvimento da sua obra depois de 1860 é de algum modo produto da situação que se criou na metade do século XIX no clima patriótico e liberal da Itália. Entre 1860 e 1870 a cidade de Turim muda profundamente. A imigração não é mais sazonal, mas definitiva. Os jovens trabalhadores que, antes, aos domingos, tomavam as ruas e enchiam os botequins, agora mudam as tendências: por toda parte surgem organizações operárias, sociedades de ginástica, música e cultura, centros recreativos. O número dos frequentadores dos oratórios festivos tende a diminuir. O Santo, que age de acordo com as necessidades dos tempos, capta o rumo das novas tendências, como a crescente demanda de instrução. O desenvolvimento da tipografia (aberta em 1862), por exemplo, é favorecido pelo interesse geral na elevação cultural do povo (originada pelo sentido de dignidade humana típico do liberalismo), dá origem à multiplicação de livros para a instrução das classes juvenis e sua educação cristã.

As mesmas causas facilitam o crescimento dos internatos (colégios-pensionatos), na Itália e na Europa. Enquanto o Estado, com dificuldade, procura resolver os problemas da organização da instrução pública, a legislação liberal, apesar do controle centralizado e a orientação não confessional e anticlerical do setor, permite a existência da escola livre ou particular; favorece também um dos âmbitos em que o mundo católico, marginalizado nas lutas políticas, se concentra e organiza: o associacionismo religioso, o mútuo socorro, os bancos populares, as companhias de seguros, a assistência social. Dom Bosco apanha no ar estas oportunidades para ampliar a sua missão.

A obra de Valdocco é potenciada pela “máxima ocupação dos locais depois de 1868, com oitocentas e mais pessoas. Aumenta também o número dos que pedem para entrar na Sociedade Salesiana. Impõe-se a fundação de novos institutos, para distribuir fora de Valdocco a população excedente, descongestionar os ambientes, aliviar os encargos econômicos, ocupar utilmente os que se ligavam a Dom Bosco pelos votos religiosos”⁹. A partir de 1863, ano da fundação do pequeno seminário de Mirabello, o Santo multiplica os colégios, os internatos, as escolas profissionais (Lanzo em 1864; Cherasco em 1869; Borgo San Martino em 1870; Alassio, Varazze, Marassi e Sampierdarena em 1870-1871). Muitas vezes são as administrações municipais que pedem obras. É uma opção que permite a consolidação da instituição salesiana: os internatos garantem uma população juvenil mais estável e melhor organizável (num

⁹ Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia economica e sociale* (1815-1870). Roma, LAS 1980, p. 124.

momento histórico em que este gênero de obras é pedido pelo ambiente), servem à expansão territorial da obra e do carisma salesiano, contribuem para o desenvolvimento das organizações católicas mediante a formação de grandes massas de jovens, asseguram um fluxo regular de vocações para o desenvolvimento da Congregação. O incremento dos colégios, a partir daqueles anos, é um dado de fato que é preciso ter em consideração para compreender as orientações da mentalidade de Dom Bosco e alguns dos elementos que caracterizam a pedagogia preventiva e a espiritualidade salesiana. De agora em diante, o Santo pensará sempre mais nos salesianos como educadores de colégios.

Por ocasião do Concílio Vaticano I (1869-1870), Dom Bosco entra em contato com alguns bispos provenientes da América, da Ásia e da África que visitam a sua obra e propõem fundações nas suas dioceses. Começa assim um interesse mais direto pelas missões, que haverá de se concretizar nos anos seguintes.

As circunstâncias político-religiosas são também as que orientam Dom Bosco para o culto da Auxiliadora. Num tempo de anexação dos territórios pontifícios, os bispos da Úmbria convidam os fiéis a invocar Maria *Auxilium Christianorum*. Em 1862 difundem-se notícias de revelações marianas e de curas perto de Spoleto. O bispo da cidade envia um artigo informativo ao jornal de Turim *L'Armonia* (17 e 27 de maio). O Santo relata esses acontecimentos num boa-noite de 24 de maio de 1862 e no dia 30 narra um sonho em que a nave da Igreja, atacada, encontra refúgio entre as colunas da Eucaristia e de Nossa Senhora Auxiliadora. No mês de dezembro seguinte projeta a construção de uma igreja mais ampla, dedicada precisamente à Auxiliadora: “Os tempos andam difíceis e precisamos que a Santíssima Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã”¹⁰. Em 1864 começa a cavar os alicerces e no dia 27 de abril de 1865 é posta com solenidade a primeira pedra da nova igreja na presença do príncipe Amadeu da Saboia, filho do rei.

A grave crise econômica geral leva Dom Bosco a alargar o seu círculo de amigos para encontrar os meios necessários. Viaja para Florença, Roma e outras cidades italianas. Escreve cartas, organiza rifas. Retorna, assim, o fluxo das grandes e pequenas ofertas e os trabalhos chegam ao termo. No dia 9 de junho de 1868 o arcebispo de Turim consagra o santuário. Para solicitar a beneficência, Dom Bosco ressaltava as necessidades dos tempos, o entusiasmo popular, a expectativa de prodígios, os favores celestes pessoais, familiares e eclesiais, que se esperam por intercessão de Maria. Compõe um livreto *Maravilhas da Mãe*

¹⁰ MB 7, 334.

de *Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora* (1868) e outros opúsculos que ele difunde por toda parte. Funda também a *Pia Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora* (1869). Assim, enquanto Spoleto permanece como santuário de ordem local, a igreja de Turim e o grandioso quadro pintado por Lorenzone adquirem relevo nacional e internacional pelo impulso do desenvolvimento da Obra Salesiana. Valdocco caminha para ser um centro de religiosidade popular e mariana, e a espiritualidade salesiana resulta fortemente caracterizada.

Em 1869 Dom Bosco obtém a aprovação pontifícia da Congregação Salesiana. A partir desse momento ele se empenha com todas as forças para infundir nos seus discípulos uma identidade religiosa sempre mais clara. As vocações crescem, as obras se multiplicam, particularmente as escolas. É incrementada a produção de livros e criam-se novas iniciativas editoriais, como a *Biblioteca da Juventude Italiana* (1869).

Católico obediente à Santa Sé, Dom Bosco segue a orientação: “nem eleitos, nem eleitores”, mas continua a comunicar ao papa e ao secretário de Estado Antonelli o que consegue saber quanto aos intentos da política eclesiástica dos diversos governos nacionais que se sucedem. Enquanto pessoa apreciada pela Santa Sé e por vários ministros, empenha-se particularmente em resolver o problema das sedes episcopais vacantes, com vistas a novas nomeações de bispos. Obtém resultados especialmente para o Piemonte, onde não poucos prelados devem a ele a nomeação.

e. O desenvolvimento italiano, europeu e sul-americano da Obra Salesiana nos anos Setenta e Oitenta do século XIX

Por causa da tomada de Roma (1870), as relações entre Estado e Igreja pioraram. A Santa Sé não reconhece a assim chamada *lei das garantias* (13 de maio de 1871), pela qual o governo italiano procura legitimar a ocupação da capital, regulamenta as relações com a Santa Sé, garante a liberdade do sumo pontífice no governo da Igreja e a independência do clero no cumprimento da sua missão. O papa rejeita a lei como ato unilateral e em 1874 impõe aos católicos italianos que não participem da política (“*non expedit*”, não é conveniente) num Estado considerado “usurpador”. A ruptura Estado-Igreja é insanável, particularmente depois que em 1873 em Roma se ampliam as leis de supressão das corporações religiosas e o aqumbarcamento dos bens (igrejas, conventos, instituições educativas e caritativas, hospitais...)¹¹.

¹¹ Cf. Carlo Maria FIORENTINO, *Chiesa e Stato a Roma negli anni della Destra storica 1870-1876. Il trasferimento della capitale e la soppressione delle Corporazioni religiose*. Roma, Istituto per la Storia del Risorgimento italiano 1996.

No ano de 1876, na Itália ocorre uma “revolução parlamentar” que leva ao governo a esquerda “histórica”, mais laicista, anticlerical e maçônica do que a direita que tinha governado até aquele momento¹². Há um programa ambicioso, mas encontra dificuldades para ser levado a termo, também pela brevidade dos diversos governos que se sucederam (precisamente 11 em 12 anos, dos quais 8 presididos por Agostinho Depretis). Entre as diversas reformas merece destaque a lei Coppino quanto à obrigação de frequentar os três primeiros anos da escola elementar (1877) e a lei sobre a tutela do trabalho dos menores (1886).

Em 9 de janeiro de 1878 morre Vitorio Emanuel II e lhe sucede o filho Humberto I. Depois de um mês, morre também Pio IX (7 de fevereiro). O novo papa Leão XIII (1810-1903), já na escolha do nome indica a intenção de uma mudança de postura, apesar de manter o “*non expedit*” quanto à participação política dos católicos italianos. É o primeiro papa da modernidade que reflete sobre a relação ciência-religião (*Aeterni Patris*, 1879), a função dos católicos na sociedade (*Immortale Dei*, 1885), a doutrina social da Igreja (*Rerum Novarum*, 1891); promove a renovação dos estudos filosóficos e teológicos e a fundação de universidades católicas.

Como todos os católicos, também Dom Bosco tinha esperanças de que o Estado Pontifício fosse poupado; prudentemente, porém, toma conhecimento da situação sem particulares comentários. Continua as tratativas com Roma para a aprovação definitiva das Constituições Salesianas. Aceita ser envolvido na mediação entre o governo italiano e a Santa Sé a respeito do *exequatur* governativo para os bispos piemonteses e lombardos. O relacionamento muito prudente com cada ministro da esquerda sempre se norteia pelas exigências da sua missão e das suas obras: obter os títulos legais para o ensino ou o apoio à Obra Salesiana na América do Sul, terra de imigrantes italianos. Por exemplo, no dia 16 de abril de 1876, durante os preparativos para a segunda expedição missionária, apresenta ao ministro do Exterior Luís Melegari um singular projeto de povoamento colonial italiano na Patagônia, de cunho bastante irreal e fruto de “um pouco de poesia”, como ele mesmo escreve, mas ocasião oportuna para expressar a sua “boa vontade em ajudar a pobre humanidade”¹³.

Mas Dom Bosco, particularmente nesses anos, continua decidido em seu trabalho de fundador criativo, formador sagaz, forjador de comunidades

¹² Cf. Guido VERUCCI, *L'Italia laica prima e dopo l'Unità 1848-1876. Anticlericalismo, libero pensiero e ateismo nella società italiana*. Bari, Laterza 1981; ID, *Cattolicesimo e laicismo nell'Italia contemporanea*. Milão, F. Angeli 2001.

¹³ E(m) V, pp. 119-120.

religiosas voltadas à educação juvenil, mestre de vida espiritual para os jovens e o povo. O governo da Congregação é compartilhado com os membros do Capítulo Superior e com os diretores de cada obra, que ele sabe valorizar e envolver nas reuniões regulares do Conselho, nas conferências anuais de São Francisco de Sales e nos Capítulos-Gerais. Em 1872 Dom Bosco funda o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora a partir do grupo das Filhas da Imaculada de Mornese, dirigidas pelo padre Pestarino, grupo que ele plasma segundo o seu espírito e insere com sucesso no circuito da Obra Salesiana em plena expansão. Em 1874 obtém a aprovação definitiva das Constituições, passo importante para a consolidação da Sociedade Salesiana, embora tal aprovação seja limitada por alguns condicionamentos jurídicos, finalmente superados em 1884 com a concessão dos “privilégios”. Em 1875, em plena sintonia com a retomada do movimento missionário católico, organiza a primeira expedição missionária salesiana para a América Latina, seguida por outras expedições anuais. Em 1876 dá início à Associação dos Cooperadores, engenhoso projeto de solidariedade católica, para apoiar e manter a missão salesiana. Em 1877 funda o *Boletim Salesiano*, periódico mensal de informação, estratégico para o alargamento do consenso e do apoio à Obra Salesiana. No mesmo ano preside o primeiro Capítulo-Geral da Congregação.

É um tempo de atividades frenéticas e inteligentes, das quais emergem os dotes extraordinários de Dom Bosco e a amplidão das suas visões, apesar do progressivo declínio físico. Cuida dos contatos com as autoridades religiosas e civis, com os benfeitores e os amigos, mediante correspondência e encontros pessoais. Empreende frequentes viagens na Itália (especialmente a Roma) e na França (a partir de 1875). Com a fama da sua Obra se difunde também a veneração pela sua personalidade carismática. Triunfais acolhidas lhe são reservadas em Paris (1883) e em Barcelona (1886): Dom Bosco se tornou um símbolo para a sensibilidade do mundo católico europeu que, submetido a duros ataques anticlericais, mostra-se atento aos fatos sobrenaturais, consolida a sua fé, congrega-se compacto em torno da figura do romano pontífice e se dedica à ação social, educativa e pastoral.

Nesses anos, os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, na Itália, ampliam as suas presenças com obras na Ligúria, no Lácio, na Sicília, na Toscana, no Trentino e no Vêneto¹⁴. As obras se desenvolvem também no exterior: na França (Marselha, La Navarre, Saint-Cyr, Paris, Lille), na Espanha (Utrera,

¹⁴ Para as fundações na Itália vejam-se os três volumes do 150º da unidade da Itália: Francesco MOTTO (editor), *Salesiani di don Bosco in Italia. 150 anni di educazione*. Roma, LAS 2011; Grazia LOPARCO - Maria Teresa SPIGA (editores), *Le Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Donne nell'educazione*. Roma, LAS 2011; Francesco MOTTO - Grazia LOPARCO (editores), *Salesiani e Figlie di Maria Ausiliatrice in Italia. Un comune percorso educativo (1859-1010)*. Roma, LAS 2013.

Barcelona), na Grã-Bretanha (Londres); particularmente na América do Sul (Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Equador) a expansão é prodigiosa, graças a missionários de valor como João Cagliero, José Fagnano, Luís Lasagna e Tiago Costamagna.

Os problemas não faltam. As relações de Dom Bosco com as autoridades atravessam momentos críticos, agravados pelo desentendimento com o arcebispo de Turim, Lourenço Gastaldi, apesar da “concordia” imposta pela Santa Sé (1882). As urgências econômicas encorajam Dom Bosco a multiplicar as visitas, a organizar a rede de cooperação, a encaminhar uma meticulosa campanha de sensibilização, para engrossar o fluxo das ofertas necessárias para o sustento das múltiplas fundações e da dispendiosa construção de grandes edifícios sagrados: a igreja de São João Evangelista em Turim, consagrada em outubro de 1881, e a basílica do Sagrado Coração em Roma, inaugurada em 1887 pelo próprio Dom Bosco já próximo do final da sua vida. O declínio físico do Santo começara havia alguns anos. Progressivamente ele passa o governo prático da Congregação ao Capítulo Superior, presidido pelo prefeito-geral, padre Miguel Rua, que é nomeado vigário-geral com plenos poderes por um decreto pontifício em 1884.

2. Dom Bosco no contexto pedagógico do seu tempo

“Não parece existir um contato que tenha levado Dom Bosco a assumir certo compromisso com a pedagogia científica oficial, acadêmica, embora tenham sido reais as relações, até mesmo a cordialidade e a amizade, com alguns teóricos contemporâneos da pedagogia”, afirma Pietro Braido, e cita, entre os mais conhecidos, Antônio Rosmini, João A. Rayneri, José Allievo¹⁵. Diferentemente, Alberto Caviglia, referindo-se ao movimento pedagógico piemontês da segunda metade do século XIX, garante que “Dom Bosco seguiu aquele movimento com interesse, diria até com certa ânsia de aprender especificamente o método de transmitir os conhecimentos aos jovens”¹⁶.

Nesse âmbito devem-se evidenciar alguns dados e testemunhos referentes aos contatos do fundador da Congregação Salesiana com os pedagogistas mencionados e em geral com o contexto pedagógico do seu tempo, para individuar os aspectos mais ilustrativos e captar com mais facilidade – nos escritos e nos documentos postos à disposição do leitor na segunda parte des-

¹⁵ Pietro BRAIDO, *Prevenire non reprimere. Il sistema educativo di don Bosco*. Roma, LAS 1999, p. 152. Para uma contextualização geral: Rachele LANFRANCHI - José Manuel PRELLEZO, *Educazione scuola e pedagogia nei solchi della storia*, vol. 2. *Dall'Illuminismo all'era della globalizzazione*. Roma, LAS 2010.

¹⁶ Alberto CAVIGLIA, *Don Bosco nella scuola*, em BS 53 (1929) 6, 179.

ta coletânea antológica – os núcleos qualificadores do pensamento de Dom Bosco sobre a educação e sobre a escola. Esses contatos também revelam as características mais salientes do seu método de educar a juventude “pobre e abandonada”.

a. Formação pedagógica no âmbito familiar e escolar

Para a formação de Dom Bosco contribuíram diversas experiências que tiveram influência sobre acontecimentos diferentes, pessoas e instituições. A base da vocação educativa do fundador dos salesianos se constitui e se desenvolve com o crescimento da sua maturidade humana, cristã e pastoral. De fato, atento ao fluxo dos acontecimentos do seu tempo e aos principais âmbitos da sua experiência particular, Dom Bosco nos transmitiu acenos a episódios importantes e nomes de sacerdotes, professores e instituições que contribuíram concretamente para delinear as principais etapas da sua preparação pedagógica.

Na experiência infantil de órfão emerge a figura da mãe, Margarida Occhiena, “a primeira educadora e mestra” de Joãozinho Bosco. À distância de quase sessenta anos ele escreve: “Seu maior cuidado foi instruir os filhos na religião, torná-los obedientes e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade”¹⁷. Em particular, no ambiente familiar aprendeu o hábito da oração, o cumprimento do dever e o sacrifício.

Além do trabalho formativo materno, ocupa lugar privilegiado – por tempo breve, mas significativo – a figura de um venerável sacerdote, o padre João Calosso. Após um fortuito encontro (novembro de 1829), cria-se um intenso e autêntico relacionamento de estima e de confiança entre o menino pobre, mas inteligente e desejoso de frequentar a escola, e o benévolo capelão de Morialdo. Sob a guia dessas pessoas, João retomou com entusiasmo os estudos elementares. O tipo de relação que se estabeleceu entre o aluno e o mestre é relatado e proposto aos salesianos como exemplar: “Coloquei-me logo nas mãos do padre Calosso [...]. Abri-me inteiramente com ele. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal” (MO 41). A morte imprevista do benfeitor é sentida pelo adolescente João

¹⁷ Giovanni BOSCO, *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Introdução e notas de Aldo Giraudo. Roma, LAS 2011, p. 61. Sobre o significado e o valor histórico-pedagógico deste escrito tardio de Dom Bosco, cf. *ibid.*, pp. 5-49. [Em português: São João BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*. Tradução de Fausto Santa Catarina. Edição revista e ampliada aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, Brasília, Editora Dom Bosco 2012, p. 27]. – [Daqui para frente *As Memórias do Oratório* serão citadas pela sigla MO conforme a paginação da edição em português].

como um “desastre irreparável”. Mas, antes de escrever estas palavras, Dom Bosco lembra com entusiasmo o encontro com o seminarista José Cafasso que, a seguir, enquanto diretor espiritual e professor, terá uma forte influência sobre a formação cultural e as opções educativo-pastorais de João Bosco jovem sacerdote.

b. A bondade: núcleo central do método educativo

O relato dos acontecimentos sucessivos permite a Dom Bosco realçar determinados traços dos seus mestres e a peculiaridade das escolas frequentadas por ele. Por exemplo, ao reevocar as classes de gramática, ele sintetiza com eficaz expressão as características do ambiente em Chieri: “bondade dos professores” (cf. MO 51-52). Cada um deles é sinteticamente descrito em suas atitudes educativas preventivas: o prof. Valimberti lhe “deu muitos bons conselhos” sobre o modo de se manter “longe dos perigos”; o prof. Pugnetti “usou de muita caridade” (MO 51-52) para com ele; o prof. Pedro Banaudi “era um verdadeiro modelo dos mestres. Sem nunca infligir castigos, tinha conseguido fazer-se amar por todos os seus alunos. Ele os amava a todos como filhos, e estes o amavam qual terno pai” (MO 65). Por sua vez, Dom Bosco não deixa de sublinhar os limites e os defeitos notados nos seus educadores; por exemplo, ele conta que “um mestre muito querido” foi substituído por outro professor que, “incapaz de manter a disciplina, quase mandou pelos ares tudo o que nos meses anteriores eu tinha aprendido” (MO 51).

Também a respeito dos formadores do seminário ele volta a acenar às suas qualidades e aos seus limites, com algumas críticas, aliás, um tanto severas: “Eu queria muito bem aos meus superiores, e eles foram sempre muito bons para comigo; mas meu coração não estava satisfeito. Era costume visitar o reitor e os demais superiores à chegada das férias e quando se partia para elas. Ninguém ia falar com eles, a não ser quando chamado para receber alguma reprimenda. Um dos superiores, por turno, vinha assistir cada semana o refeitório e os passeios; só isso. Quantas vezes queria falar, pedir-lhes conselho ou solução de dúvidas, e não podia fazê-lo. Mais: se algum superior por acaso passasse no meio dos seminaristas, todos, sem saber por que, fugiam precipitadamente para um lado ou para outro como de um animal bravo” (MO 93).

c. A religião: “parte fundamental da educação”

A “bondade” que fascina o jovem Bosco, – sublinhada por ele de bom grado sempre que fala dos seus mestres –, não fica restrita a uma “doçura” superficial ou a simples “bons modos”. A bondade autêntica que ele suge-

re se apoia num reto comportamento moral e numa sólida base religiosa. Evocando o período transcorrido no “colégio” de Chieri (1831-1835), Dom Bosco traça nas *Memórias do Oratório* um quadro bastante detalhado do regime disciplinar então vigente nas escolas públicas, conforme as determinações do *Regulamento para as escolas fora da Universidade* (1822). Depois de acenar às reuniões da “Sociedade da Alegria”, que se faziam durante a semana na casa de um dos sócios, “para falar de religião”, ele explicita: “Neste ponto é bom lembrar que naqueles tempos a religião formava parte fundamental da educação. Um professor, que mesmo por brincadeira pronunciasse uma palavra indecorosa ou irreligiosa, era imediatamente destituído do cargo. Se assim acontecia com os professores, imaginai a severidade que se usava com os alunos indisciplinados ou escandalosos!” (MO 58). A ênfase posta sobre a “severidade” usada em determinadas circunstâncias sugere compreensivelmente que as medidas propostas pelo rígido e “conservador” ordenamento escolar de 1822 – inspirado na praxe dos colégios jesuítas – não agradavam ao narrador. “Todavia, na lembrança de Dom Bosco na fase de sua idade madura, as prescrições estavam perfeitamente na linha das dimensões fundamentais do seu sistema educativo “preventivo”, por causa dos fortes princípios de religiosidade, moralidade, ordem que inspirava toda a vida estudantil”¹⁸.

Além disso, não falta a recordação de contatos positivos com as instituições e os métodos educativo-didáticos da Companhia de Jesus. Com alguns amigos “exemplares”, “nos dias santos, após a celebração na capela do colégio – lembra Dom Bosco –, íamos à igreja de Santo Antônio, onde os jesuítas explicavam estupendamente a doutrina, enriquecida de exemplos que ainda recordo” (MO 57).

As experiências vividas e as personalidades encontradas na infância e na juventude – às quais acenamos brevemente –, certamente contribuíram em medida não indiferente para a formação do futuro educador e fundador de congregações consagradas à educação da juventude. Por outro lado, do ponto de vista pedagógico, deve ter sido especialmente fecunda a etapa que Dom Bosco viveu no Colégio Eclesiástico de Turim (1841-1843). A prática pastoral e os estudos teológicos ali realizados não deixaram de proporcionar-lhe “as orientações de base para uma pedagogia religiosa e moral, essencial e prática”¹⁹. Nesses anos, Dom Bosco teve também a ocasião de integrar a própria formação com a experiência religiosa e a espiritualidade própria de duas personalidades de santos que incidirão sensivelmente no seu estilo educativo “preventivo”: Felipe Neri e Francisco de Sales, apreciados no ambiente

¹⁸ P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere...*, p. 138.

¹⁹ *Ibid.*, p. 142.

cultural piemontês, especialmente no Colégio Eclesiástico de Turim. Aqui é suficiente acenar a um fato. Querendo manifestar o motivo pelo qual sua primeira obra dedicada aos meninos “começou a chamar-se de São Francisco de Sales”, Dom Bosco escreve: “porque como tal ministério exige grande calma e mansidão, havíamos-nos colocado sob a proteção deste santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo em sua extraordinária mansidão e na conquista das almas” (MO 137).

O seminário de Chieri e o Colégio Eclesiástico de Turim não podiam fornecer ao jovem sacerdote a cultura específica em matéria de pedagogia e de didática. Todavia, contribuíram para a criação das “estruturas mentais de base”, que, graças à sua não comum inteligência e ao inato senso prático, permitiram-lhe integrar-se sem dificuldades no trabalho assistencial-educativo entre os jovens e os meninos da capital do reino da Saboia.

d. O encontro com os jovens das prisões e com os meninos órfãos e abandonados das periferias de Turim

Quando Dom Bosco chegou ao Colégio Eclesiástico em 1841, sob a guia do padre José Cafasso, realiza as primeiras experiências de catequese entre os jovens imigrantes e frequenta as prisões de Turim. O contato com os rapazes encarcerados e a participação ativa nas experiências educativas concretas constituíram certamente fatores determinantes na formação de Dom Bosco “educador” e “autor de escritos pedagógicos”. Ele mesmo narra: “A ideia dos oratórios nasceu da frequência das prisões desta cidade. Naqueles lugares de miséria espiritual e temporal havia muitos jovens na flor da idade, de inteligência pronta, de bom coração, capazes de ser a consolação das famílias e a honra da pátria; apesar disso, lá estavam, trancados, aviltados, feitos o opróbrio da sociedade. Ao ponderar atentamente as razões daquela desventura foi possível perceber que eles eram infelizes mais por falta de educação do que por maldade”²⁰.

Das experiências vividas emergiram elementos e orientações que em seguida guiarão e caracterizarão a sua obra: “Pude então constatar que os rapazes que saem de lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com bons patrões e visitá-los de quando em quando ao longo da semana, tais rapazes dão-se a uma vida honrada, esquecem o passado, tornam-se bons cristãos e honestos cidadãos”. (MO 125). Dom Bosco fala também do encontro com jovens nas

²⁰ Giovanni BOSCO, *Cenni storici intorno all'Oratorio di S. Francesco di Sales*, em Pietro BRAIDO (editor), *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità. Studi e testimonianze*. Roma, LAS 1987, p. 60.

praças e nas periferias, muitas vezes órfãos, que acabaram de vir do interior para a cidade em busca de trabalho; lembra também seus nomes, como no caso de Bartolomeu Garelli, com quem “inicia” a sua obra de formação religiosa na sacristia da igreja de São Francisco de Assis (cf. MO 122-125).

Portanto, já desde os primeiros anos da década de 1840, na vida de João Bosco há um ponto bem definido: a opção pela educação dos jovens. “A minha propensão é a de me ocupar da juventude”, ele confessa ao padre Cafasso; declara-o também à marquesa Barolo, e com idêntica simplicidade o comunica às autoridades civis que o convidam a participar com os seus rapazes das festas nacionais.

Atento a ouvir “a voz do seu tempo”, não tentou fugir dos complexos problemas que o Ressurgimento italiano trouxe consigo, em particular o conflito entre a consciência nacional e a consciência religiosa. Mas, como “muitos católicos liberais e clérigo-moderados, intuiu a possibilidade de uma base comum de trabalho: a educação popular. Junto com todos os católicos sofreu por causa das humilhações da Igreja e compreendeu sua missão transcendente [...]. Em síntese, compreendeu sua vida substancialmente comprometida quase somente com o problema educativo, visto como o que haveria de proporcionar uma solução global para o problema religioso e civil”²¹.

e. Dom Bosco não é um solitário na história da educação

Na opção privilegiada e definitiva pelos jovens como compromisso de vida e nas obras iniciadas para a educação dos mais abandonados, Dom Bosco não caminhou sozinho. Antes de tudo, ele estava em sintonia com um amplo grupo de educadores de orientação cristã e católica. Análogas orientações pedagógicas eram seguidas e propostas por outros: “O *Sistema Preventivo* que ele pratica e sobre o qual finalmente escreve surge num contexto em que orientações semelhantes são seguidas, codificadas e propostas por outros. Trata-se de educadores e educadoras, muitas vezes geograficamente próximos, que em alguns casos influíram ou poderiam ter influído nele, ou porque ele pôde ler alguns de seus escritos ou porque teve oportunidade de ter alguma notícia a respeito deles. Em particular, são homens e instituições que compartilham com ele as preocupações pela juventude em tempos novos e difíceis e empreendem tipos não muito diferenciados de iniciativas em seu favor, com estilo educativo que pode ser legitimamente definido como *preventivo*”²².

²¹ Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Primeiro volume: *Vita e opere*. Segunda edição revista pelo autor. Roma, LAS 1979², pp. 253-254.

²² P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere...*, p. 93.

Entre os educadores que havia em Turim merecem lugar de relevo os Irmãos das Escolas Cristãs. Ao seu provincial, irmão Hervé de la Croix, Dom Bosco dedicou um dos seus livros mais importantes, a *História Eclesiástica para uso das escolas* (1845). Todavia, parecem excessivas as afirmações de Alberto Caviglia quando afirma que o fundador dos salesianos “foi estudiosíssimo” dos “métodos lassallistas”. Não há como documentar que ele tenha lido as obras pedagógico-espirituais de São João Batista de la Salle. Ao passo que é bastante provável que ele não tenha ficado indiferente quanto às aulas noturnas para os operários, abertas pelos Irmãos das Escolas Cristãs em 1846, e que tenha tido entre as mãos um pequeno fascículo pedagógico – *As doze virtudes do bom mestre* (Marietti 1835) – do lassallista Irmão Agathon. Este, ao discorrer sobre as virtudes dos professores e o seu comportamento na ação educativa, insiste sobre “a bondade”, “a cordialidade”, a “amabilidade”, “a mansidão, isto é, a “doçura”... São termos que aparecem frequentemente na produção bibliográfica de Dom Bosco.

Fecunda de elementos educativos deve ter sido também a experiência dos dois anos transcorridos como capelão nas obras da marquesa Barolo. É razoável supor que Dom Bosco, jovem sacerdote, tenha sido particularmente influenciado pelos princípios que deram origem às diversas iniciativas benéfico-religiosas da ilustre dama da nobreza: distribuir o pão da fé, precedido e acompanhado pelo pão da subsistência quotidiana; buscar a salvação das almas, cuidando ao mesmo tempo dos corpos e das mentes; reeducar amorosamente, mais do que reprimir; proporcionar a instrução de base necessária para os novos tempos. Aquele biênio “deve ter sido para Dom Bosco uma escola organizada, embora não acadêmica, de Sistema Preventivo”²³.

Com as experiências educativas apontadas acima é indispensável levar em consideração também outros fundadores de institutos para a educação dos jovens necessitados. Aqui nos limitamos a citar os mais significativos.

Em primeiro lugar, os irmãos Marcos e Antônio Cavanis, iniciadores da Congregação dos Clérigos Seculares das Escolas de Caridade, fundada em Veneza nos primeiros decênios do século XIX, que exprimem o núcleo do seu método educativo com os termos “prevenção”, “disciplina amorosa” e “amor paterno”. Essas expressões certamente não eram desconhecidas para Dom Bosco quando deu os últimos retoques à redação do *Regulamento para as casas salesianas* (1877) e preparou o mais conhecido dos seus escritos: *O Sistema Preventivo na educação da juventude* (1877). Alguns anos antes, de fato, como ele mesmo declarou no processo de elaboração das *Constituições* da Sociedade

²³ Pietro BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, I. Roma, LAS², 2009, pp. 179-180; cf. também *Ibid.*, pp. 207-208.

de São Francisco de Sales, tivera em mãos as Regras do “Istituto Cavanis de Veneza”²⁴. Certamente terá lido, entre outros, o artigo que dizia: “Os mestres se propõem desenvolver a sua tarefa entre os meninos, não tanto como mestres, mas como pais; portanto, assumam o cuidado dos meninos com a máxima caridade [...]; procure-se sempre educá-los aos bons costumes cristãos e a preservá-los do contágio com o mundo com paterna vigilância” (art. 94).

Conjeturas afins podem ser feitas quanto aos escritos do sacerdote educador de Brescia, Ludovico Pavoni, cuja instituição (1847) se propunha “educar na religião e nas artes” os meninos “pobres ou abandonados”, com a finalidade de devolver “à Igreja ótimos cristãos, ao Estado bons trabalhadores e súditos virtuosos e fiéis”. Também neste caso o paralelismo entre os textos mencionados e os que encontraremos nesta coletânea de *Fontes Salesianas* é fácil de observar. Trata-se, porém, de textos e testemunhos não raros no ambiente cultural do tempo. Por isso, não é tão simples fixar as dependências. Sendo assim, convém dar um passo a mais. Mais de uma vez Dom Bosco se refere ao nome do autor da obra que ele utiliza na redação de determinado escrito ou que recomenda aos colaboradores empenhados, não somente no ensino do catecismo nos oratórios festivos ou nas aulas dominicais e noturnas, mas também em obras educativas mais complexas e articuladas.

f. Abertura ao contexto pedagógico piemontês da segunda metade do século XIX

A primeira instituição assistencial-educativa de Dom Bosco – o Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco (1846) – e as suas primeiras publicações pedagógico-espirituais (1845) se inserem num clima cultural particularmente animado. Na segunda metade do século XIX, no Piemonte, o tema da educação é abordado de forma consciente e decidida, não somente como “problema pedagógico”, mas também como “problema político”. Na raiz desse movimento há fatos relevantes. Em 1844, o pedagogo e educador Ferrante Aporti é chamado para a Universidade de Turim a fim de ministrar um curso de metodologia que teve ampla ressonância. Em 1845 veio à luz o primeiro número de “*O Educador Primário*”, revista especialmente atenta ao estudo e à difusão da “pedagogia popular”. Nela, como conclusão de sua contribuição, o pedagogo Vicente Troya escreve que a educação “para que seja completa deverá primariamente propor-se o objetivo de criar bons cristãos e ao mesmo tempo industriais, inteligentes, laboriosos cidadãos, úteis à sociedade e à família”²⁵.

²⁴ E(m) I, p. 562.

²⁵ Vincenzo TROYA, *Quale sia il genere d'istruzione utile e necessario specialmente nei villaggi*, em “*L'Educatore Primario*” 1 (1845) 12, 192.

Não sabemos se o ensaio de V. Troya influenciou na formulação do conhecido princípio pedagógico reproposto diversas vezes, com leves variantes, nos escritos de Dom Bosco: “bons cristãos e honestos cidadãos”. Em todo caso, é possível documentar que o Santo tinha sobre a mesa de trabalho alguns cadernos da mencionada revista enquanto levava a termo a composição de alguns dos seus escritos. Na *História Sagrada para uso das escolas* (1847), por exemplo, ele transcreve trechos da revista “*O Educador Primário*” e assina o parecer do seu diretor Antônio Fecia, que sustenta a necessidade de “popularizar” a Sagrada Escritura para pô-la ao alcance dos leitores. Dom Bosco reconhece também ter inserido diversas ilustrações no seu manual, preocupado em seguir as orientações dos “sábios mestres”, segundo os quais, a história sagrada deve ser ensinada com a ajuda de mapas, quadros e desenhos que representam os fatos mais importantes.

Trata-se do assim chamado método “intuitivo”, divulgado na Itália – com o nome de “método demonstrativo” – por Ferrante Aporti, cujas lições ministradas em Turim foram publicadas na revista “*O Educador Primário*”.

A abertura ao movimento pedagógico piemontês não se limita à publicação citada. Em 1863, numa carta pessoal ao provedor dos Estudos de Turim, respondendo a algumas críticas formuladas a respeito de outra obra sua, a *História da Itália* – em particular, pelo fato de ele calar sobre “atos lamentáveis” de determinados “personagens” – Dom Bosco justifica a própria opção escrevendo: “Citei essas coisas para me adequar ao princípio estabelecido pelos célebres educadores Girard e Aporti, os quais recomendam que nos livros destinados aos meninos se omita tudo o que pode ocasionar má impressão nas suas mentes tenras e volúveis”²⁶.

Depois da aprovação das *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*, a atenção de Dom Bosco ao tema da educação e da escola se torna sempre mais consciente. Naquele mesmo ano (1874), de acordo com os colaboradores mais próximos, o fundador estabelece que os jovens candidatos à Sociedade Salesiana devem ter uma “aula regular de pedagogia”. Nomeia professor da matéria o padre Júlio Barberis. Este, depois de trinta anos de magistério, informará que na redação do seu manual – *Apontamentos de pedagogia sacra* – serviu-se do que ouvira de viva voz de Dom Bosco, do que aprendera dos escritos de pedagogistas recomendados pelo Santo – F. A. Rayneri, G. Allievo, A. Franchi, A. Monfat, F. Dupanloup – e das publicações de “diversos outros experientes autores”.

²⁶ Carta ao provedor dos Estudos de Turim Francisco Anselmi, em E[m] I, p. 589. Alguns anos antes, em 1848, nas páginas de “*O Educador Primário*”, fora apreciada positivamente e recomendada a *História Sagrada para uso das escolas* composta por Dom Bosco.

As obras de um dos autores mencionados, Antônio Monfat, eram familiares em Valdocco. No dia 16 de novembro de 1882, na “grande reunião” do pessoal responsável pela casa – “presentes, entre clérigos assistentes, mestres e sacerdotes, aproximadamente 35 pessoas – fez-se a leitura de um parágrafo sobre a *Disciplina entre os educadores. Prática da educação cristã*, do P. A. Monfat (sacerdote da Sociedade de Maria), que deu lugar – conforme sublinha a ata da reunião – a alguns comentários, especialmente o de que todos se mantinham unidos e trabalhem de acordo, de tal modo que o nosso entrosamento seja notado pelos jovens por nós educados”. Da reunião participou também Dom Bosco.

Entre os ditos “autores experientes” aos quais alude Barberis merece atenção especial o barnabita Alexandre Maria Teppa. Uma das suas publicações difundidas – *Advertências para os educadores eclesiais da juventude* (1868) – é calorosamente recomendada por Dom Bosco e por ele utilizada para as conferências formativas dos jovens salesianos estudantes de filosofia. Ainda nos anos Oitenta, a obra do padre barnabita gozava de particular consideração na casa-mãe. No dia 8 de março de 1883, durante a conferência ao pessoal de Valdocco, na qual se tratou do problema da disciplina, após a leitura do parágrafo dedicado aos “castigos” no pequeno tratado sobre o *Sistema Preventivo*, comentou-se também “o capítulo que trata dos castigos” no citado volume de Alexandre Teppa. E na reunião sucessiva foi decidido “providenciar para cada um” dos presentes um exemplar desse livreto para que sirva “como guia” para não se distanciar do “espírito de Dom Bosco”²⁷. Nas simples e substanciais páginas desse pequeno volume se encontram afirmações como estas: “Quem quiser fazer-se amar pelos seus alunos seja o primeiro a amá-los de coração, com afeto de pai e de amigo. Seja solícito em cuidar de tudo o que lhes pode ser útil para suas necessidades ou de utilidade para eles no espírito e no corpo”.

g. Um estilo característico de educação

Não era, porém, a primeira vez que os responsáveis pela já complexa instituição educativa de Valdocco ouviam as expressões acima referidas ou outras semelhantes. Não se tratava nem mesmo da única ocasião em que o iniciador daquela obra convidava os seus jovens colaboradores a pôr em prática orientações ou outras normas desse tipo.

²⁷ José Manuel PRELLEZO, *Valdocco nell'Ottocento tra reale e ideale. Documenti e testimonianze*. Roma, LAS 1992, pp. 254-255, 258.

Embora Dom Bosco não tenha chegado – como foi dito várias vezes – a elaborar um sistema pedagógico completo em termos teóricos, todavia, adotou *de forma reflexa* nos seus escritos e experimentou *de forma consciente* no seu trabalho educativo entre os jovens, elementos válidos e coerentes que lhe permitiram elaborar, no conjunto, uma proposta educativa articulada e unitária, inconfundivelmente sua.

Nessa proposta é possível individuar “núcleos doutrinários” de notável “eficácia prática”. Elencamos os mais relevantes e característicos: 1) atenção preventiva: “prevenir, não reprimir”; 2) otimismo pedagógico: confiança na juventude, sobre a qual “se funda a esperança de um futuro feliz”; 3) formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”: escopo e meta de uma educação completa; 4) “razão, religião, bondade”: três colunas do Sistema Preventivo; 5) assistência: presença positiva e estimuladora entre os jovens; 6) importância dos educadores: “pais, mestres e amigos” dos jovens educandos; 7) ambiente educativo: acolhedor, familiar, alegre.

Não é este um índice esquemático de simples fórmulas gerais e abstratas. Pelo contrário, trata-se de princípios e orientações que Dom Bosco soube pôr em prática com estilo pessoal: primeiro, em encontros com os jovens necessitados pelas ruas de Turim ou em instituições abertas, como os oratórios festivos; depois, em obras sempre mais completas e complexas – escolas ginasiais internas, internatos, colégios, oficinas de artes e ofícios... –, apreciadas pelos contemporâneos, obras que tiveram um desenvolvimento extraordinário até os dias de hoje.

Os rápidos acenos à contribuição do fundador da Sociedade Salesiana no âmbito da história da pedagogia e da educação podem ser utilmente completados – na perspectiva da leitura das *Fontes Salesianas* – lembrando o testemunho do primeiro professor de pedagogia dos jovens salesianos, Júlio Barberis. Referindo-se ao Sistema Preventivo afirma que “Dom Bosco não o escreveu nas suas linhas gerais”, mas “o aplicou por inteiro sob o olhar atento dos seus seguidores e colaboradores”²⁸.

Para obter um conhecimento adequado do pensamento de Dom Bosco a respeito da educação e da escola, portanto, não basta o estudo, embora atento e aprofundado, dos seus escritos. É indispensável dedicar uma sagaz atenção à sua biografia, à singularidade das suas experiências educativas: umas narradas por ele e outras pelos seus colaboradores e contemporâneos, a serem lidas evidentemente com equilibrado senso crítico.

Em síntese, o desenvolvimento das ideias pedagógicas e das obras educativas de Dom Bosco não foi obviamente o simples resultado das suas capa-

²⁸ Giulio BARBERIS, *Appunti di pedagogia sacra...* [Turim], Litografia Salesiana 1897, p. 277.

idades organizativas e de circunstâncias sabiamente exploradas. Foi também fruto de uma pedagogia vivenciada, “coerente nos seus princípios essenciais” e “flexível no seu progresso e nas suas aplicações no âmbito das mutáveis situações históricas. Não foi também pura elucubração abstrata, mas o impulso poderoso de uma relação educativa e de um complexo sistema de obras”²⁹.

Nessa perspectiva, descobre-se o Sistema Preventivo de Dom Bosco – no sentido mais amplo – como projeto necessariamente aberto a integrações e desenvolvimentos teóricos, históricos e metodológicos, sem desnaturar as linhas originárias e essenciais³⁰.

3. Dom Bosco no contexto espiritual do seu tempo³¹

Dois fatores históricos principais influem de forma relevante na espiritualidade do século XIX³². Por um lado, a sensibilidade romântica que impregna o clima cultural geral e se irradia sobre as orientações da piedade; por outro, os acontecimentos de carácter sociopolítico que preparam e assinalam todo o século: revolução francesa, período napoleônico, movimentos liberais, guerras do Ressurgimento, governos anticlericais, leis lesivas dos direitos da Igreja, supressão das congregações religiosas e açambarcamento dos seus bens, queda do poder temporal dos papas, campanhas sistemáticas difamatórias e progressiva marginalização dos católicos na esfera política e cultural.

Essas circunstâncias de carácter geral, sem dúvida nenhuma, influenciam a espiritualidade oitocentista. Por consequência, incidem sobre a vivência interior de Dom Bosco e motivam, em parte, algumas das suas opções e acen-

²⁹ Pietro STELLA, *Juan Bosco en la historia de la educación*. Madri, Editorial CCS 1996, p. 33.

³⁰ Cf. P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere...*, pp. 391-404.

³¹ Para compreender a especificidade de Dom Bosco no quadro mais amplo da espiritualidade dos anos Oitocentos são fundamentais as seguintes obras: Pietro STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. II: *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma, LAS 1981; Francis DESRAMAUT, *Don Bosco et la vie spirituelle*. Paris, Beauchesne 1967; ID., *Jean Bosco (saint)*, em *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*. Vol. VIII, Paris, Beauchesne 1974, coll. 291-303; Joseph AUBRY, *La scuola salesiana di don Bosco*, em Ermanno ANCILLI (editor), *Le grandi scuole della spiritualità cristiana*. Roma/Milão, Pontificio Istituto di Spiritualità del Teresianum/O.R. 1984, pp. 669-698.

³² Muitos são os estudos sobre a espiritualidade dos anos Oitocentos, entre os quais lembramos: Pietro STELLA, *Italie: de la restauration à l'indépendance, 1814-1860*, em *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*. Vol. VII, Paris, Beauchesne 1971, coll. 2273-2284; Tullo GOFFI, *La spiritualità dell'Ottocento*. (História da espiritualidade 7). Bolonha, EDB 1989; Massimo PETROCCHI, *Storia della spiritualità italiana*. Vol. III. *Il Settecento, l'Ottocento e il Novecento*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura 1979; Pietro CRESPI - Gian Franco POLI, *Lineamenti di storia della spiritualità e della vita cristiana*. Vol. II, Roma, Edizioni Dehoniane 2000; Pietro ZOVATTO (editor), *Storia della spiritualità italiana*. Roma, Città Nuova 2002.

tuações. Mas não são suficientes, sozinhas, para explicar de forma completa os traços qualificadores da sua personalidade e do seu carisma, que fazem dele uma das personalidades mais significativas no panorama da santidade e da espiritualidade do seu século. Por isso, devem ser levados em consideração também outros aspectos de menor importância histórica, mas igualmente significativos: os ambientes em que foi formado, o substrato cultural e religioso popular do qual ele provém, a mentalidade e os anseios das classes juvenis entre as quais exerce o seu ministério, especialmente alguns traços inconfundíveis da sua humanidade e algumas vicissitudes pessoais.

a. O clima espiritual da primeira parte do século XIX

Confiante nas luzes da razão e no desenvolvimento progressivo das ciências, empenhado na exaltação dos direitos e dos deveres do cidadão, desconfiado da tradição espiritual e mística do século anterior, o século XVIII acentua o subjetivismo fenomenológico, reduz a religião a ritualismo simbólico, e a religião cristã à tensão moral, ao esforço virtuoso, à normatividade racional de comportamento prático. No início do século XIX, refletindo sobre os êxitos dramáticos da revolução e sua irradiação em nível europeu, surge a reação. O fermento revolucionário é interpretado como resultado da corrupção geral do coração, do obscurecimento da razão e do enfraquecimento da vontade; os excessos jacobinos são fruto perverso do orgulho do homem que se desvinculou da fé. Sente-se, portanto, a necessidade de reafirmar o que foi ofuscado ou negado. Declara-se o valor insubstituível da razão, também do ponto de vista civil e político, como fundamento da vida civil e como força agregadora da sociedade. Dado que sua eliminação – afirma Luís de Bonald (1754-1840) – levou à destruição da sociedade, a reconstrução moral e espiritual da Europa deve partir da recuperação dos valores transcendentais e éticos do catolicismo, de um amor forte e ardente pela religião e pela virtude. Através de uma leitura atenta dos séculos anteriores, F.-R. Chateaubriand (1768-1848) chega a identificar a história da civilização com a história da religião e apresentar as melhores conquistas do intelecto, da arte e do progresso como fruto do “gênio do cristianismo” (1802).

Na consciência religiosa, considera-se a revolução como encarnação das potências infernais destruidoras que atacam a Igreja em detrimento das almas; as frequentes carestias, as epidemias, as crises econômicas e as guerras são flagelos de Deus que castiga, chama os povos à conversão, solicita o retorno a uma prática religiosa sincera, fundada sobre a interioridade e a submissão reverente ao divino.

Já no período napoleônico, essa sensibilidade suscita uma primeira retomada católica com iniciativas de formação espiritual limitada a pequenos grupos, como as chamadas *Amizades*, que do Piemonte se propagam pela Saboia, Lombardia, Toscana, Roma e Áustria, e como as associações juvenis promovidas em Brescia pelo jesuíta Luís Mozzi dei Capitani (1746-1813), que incidem sobre a vocação educativa de Ludovico Pavoni (1784-1849) e dos nobres irmãos venezianos Antônio Ângelo (1774-1853) e Marcos Antônio Cavanis (1772-1858). As *Amizades* produzem sacerdotes zelosos, como Pio Bruno Lanteri (1759-1830), fundador dos Oblatos de Maria Virgem, e o teólogo Luís Guala (1775-1848), fundador do Colégio Eclesiástico de Turim, viveiro de pastores santos e ardentes, ambiente decisivo para a orientação espiritual e as opções do jovem Dom Bosco. Tiveram influxo sobre ele também a obra e os escritos de Ludovico Pavoni e dos Cavanis. Esta retomada espiritual entre as personalidades melhores do clero gera, no Piemonte e em outras partes, um relançamento da ação pastoral para a elevação moral e espiritual do povo.

Nos albores do século XIX aparecem alguns opúsculos espirituais nos quais se nota uma profunda inspiração religiosa. Exemplar é *O caminho da santidade mostrado por Jesus na devoção ao seu Sagrado Coração* (1795), de Agostinho Albergotti (1755-1825) – inspirado na *Imitação de Cristo* e na espiritualidade de São Francisco de Sales –, escrito em forma de colóquios afetuosos entre Jesus e o leitor, onde se afirma que a santidade é um caminho aberto para todos os fiéis e consiste essencialmente em “assemelhar-se a Jesus” e às suas virtudes, e na docilidade às moções do Espírito Santo, às “labaredas dulcíssimas do seu fogo divino” que impelem, “com doce violência, a amar e a querer amar sempre mais o sumo bem”³³. A modalidade do colóquio íntimo se encontra também em outros pequenos textos espirituais do período, como *Jesus ao coração do sacerdote*, de Bartolomeu del Monte (1726-1778) – reimpresso diversas vezes no século XIX –, *Jesus ao coração do jovem*, de José Zama-Mellini (1788-1838) –, aconselhado pelo próprio Dom Bosco no *Jovem Instruído* – e *Maria ao coração da jovem* (1843), do lazarista Pedro Biancheri. São frutos desse despertar também as obras do jesuíta de Ferrara, Afonso Muzzarelli (1749-1813), agudo polemista, cofundador das ideias pedagógicas de Rousseau, autor de opúsculos destinados a suscitar fervor espiritual, entre os quais, *Maio, mês de Maria* (Ferrara, 1795), que terá enorme sucesso no curso do século XIX, e a *Instrução prática sobre a devoção ao Coração de Jesus*. Tiveram muitíssimas reedições ao longo de todo esse século

³³ Agostino ALBERGOTTI, *La via della santità mostrata da Gesù nella devozione al suo SS. Cuore*. Milão, Vita e Pensiero 1931, pp. 83-84.

os *Documentos para a instrução e a tranquilidade das almas* (Turim, 1785), do barnabita Carlos José Quadrupani (1758-1807). Estas e muitas outras pequenas obras de autores espirituais reagem contra os “males” e a aridez do século das luzes, oferecem aos fiéis comuns elementos essenciais da ascética, as devoções ao Coração de Jesus, ao Santíssimo Sacramento e a Maria Santíssima, mediante meditações em estilo simples, alimentadoras do fervor.

Inaugura-se assim um gênero literário específico, amálgama de instrução religiosa, considerações meditativas, afetos devotos e propósitos, que se desenvolverá sempre mais até os primeiros decênios do século XX, no contexto da sede de cultura e de interioridade que gradativamente se firma entre o povo. Dom Bosco, nutrido por essas “leituras espirituais”, fará delas um instrumento muito eficaz da sua ação formativa, reformulando-as e adaptando-as às exigências e aos gostos dos seus jovens.

Na Restauração, o retorno triunfante de Pio VII a Roma depois da queda do império napoleônico, torna-se o símbolo do triunfo da Igreja sobre as potências do mal, graças à intervenção extraordinária de Deus. É tempo de retomada religiosa, de esforço para uma recristianização da sociedade por meio da ação pastoral entre o povo. O convite à conversão e à reforma dos costumes ocorre particularmente mediante a pregação das santas missões, que culminam com a confissão geral e a comunhão eucarística de comunidades inteiras. Os missionários insistem sobre a conversão do coração, o exercício diário da oração, a frequência regular dos sacramentos, a santificação das festas; acentuam o valor das virtudes quotidianas, do cumprimento dos próprios deveres, da temperança e da moralidade. Um sentimento religioso de arrependimento e de expiação convida à oração, às práticas devotas. Os mistérios da vida de Cristo, o culto da sua paixão, a prática da *Via-Sacra* e a récita comunitária do terço atraem sempre mais. Nas paróquias é dada maior relevância à preparação e à celebração da primeira comunhão; soleniza-se o cumprimento do preceito pascal com a presença de confessores extraordinários e a distribuição de cartões postais sobre a Páscoa; celebram-se grandiosamente as *Quarenta Horas*.

A pastoral paroquial se fortalece graças à presença de um clero mais formado e motivado. É relançada a catequese das crianças, a instrução religiosa dominical dos adultos. Revivem as confrarias e as pias uniões masculinas e femininas, animadas pelos párocos. Potenciam-se os ritos tradicionais: as rogações, as procissões, o culto dos falecidos; introduzem-se novas práticas devotas, novenas e tríduos, meses de Maria, diversos tipos de devoções populares. Nos povoados mais remotos, mediante a pregação e o ministério do confessor, o clero promove a vida espiritual do povo humilde; forma-o a

uma piedade mais substanciosa, animada pela caridade, inspirada na confiança em Deus; estimula-o ao exercício prático das virtudes e a uma fé operante; sensibiliza os pais à formação cristã dos filhos.

Nesse clima realiza-se a iniciação cristã de João Bosco, menino, sabiamente cuidado pela mãe, que lhe ensina as orações da manhã e da noite, prepara-o à primeira confissão, dá grande relevo à primeira comunhão, criando as condições para levá-lo a compreender a importância espiritual do acontecimento (MO 38-39). Sua alfabetização ocorre graças a um sacerdote professor em Capriglio, que usa “muitos cuidados” e se ocupa “de muito bom grado” da sua instrução e educação cristã (MO 40-43). Em João Bosco, menino, incidem também os temas ouvidos na pregação e nas missões populares: uma reevocação dos novíssimos orientada para suscitar o sentido de culpa, o propósito de conversão para não ser colhido pela morte em estado de pecado e a decisão de entregar-se irrevogavelmente a Deus. Era uma espiritualidade sensível ao “grande problema” da salvação da alma que, apoiando-se no amor de Deus pelo homem, na paixão redentora do divino Salvador, mas também na inexorabilidade do seu juízo, na consciência da fragilidade humana e da força da tentação, alimentava a oração de petição, insistia na frequência sacramental, inspirava exames de consciência e propósitos, estimulava à penitência e à mortificação.

É precisamente no contexto de uma missão popular, na qual se proclama a “necessidade de dar-se a Deus quanto antes e de não adiar a conversão”, que acontece o encontro de João Bosco com o padre João Calosso, primeiro e eficiente diretor espiritual, ao qual o adolescente se entrega com confiança: “Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo uma penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade e condição. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão, e ensinou-me a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, uma pequena leitura espiritual. [...] A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual” (MO 43).

b. Modulações românticas na formação de João Bosco

A apologética setecentista tinha reagido contra a prática religiosa como algo triste, aborrecido, contrário ao espírito de liberdade. No início do século XIX, a revalorização das “belezas do cristianismo” leva a uma visão gozosa da vida da graça. Ao mesmo tempo, na onda da beatificação (1816) e da canonização (1836) de Afonso Maria de Ligório, torna-se mais vigoroso o “benignismo” ético, contra as posições rigoristas, e se recuperam as obras espirituais do Santo, carregadas de afetividade, correspondentes à onda emotiva da era

romântica. Elas ajudam a proclamar, além das belezas, também as “doçuras” da fé, a fazer amar e desejar a “perfeição cristã”, a intimidade divina e a voltar-se para as alegrias eternas no paraíso. É um período em que o sentimento religioso está em profunda sintonia com os santos que representam a doçura de Cristo: Francisco de Assis, Filipe Neri, Francisco de Sales, Vicente de Paulo. Sua vida e seus escritos são interpretados em perspectiva romântica. A mesma atenção ao sentimento e ao coração favorece um psicologismo devoto, um voltar-se para a própria interioridade, um constante monitoramento da própria consciência. Para evitar o perigo do sentimentalismo, insiste-se na advertência de Santo Afonso sobre a necessidade de “passar da teoria à prática”, de traduzir o fervor em desapego efetivo do coração do pecado, em mortificação dos sentidos, em compromisso de vida, em atos virtuosos, em obras de caridade. Algumas pequenas obras do Santo, – *Máximas eternas*, a *Prática do amor a Jesus Cristo*, a *Preparação para a morte*, – estão entre as publicações devotas mais difundidas e mais amadas no século XIX em todas as camadas da população.

Os escritos afonsianos e a piedade afetiva que veiculavam conservam um fundo de austeridade que o ânimo romântico consegue temperar com a recuperação do humanismo devoto de São Francisco de Sales. Este exerce um fascínio potentíssimo nos anos Oitocentos entre os padres e os leigos. Ao longo do século, além das múltiplas reedições das suas obras completas, têm grande êxito as versões de bolso da *Introdução à vida devota*, difundidas também entre o povo simples, com várias coletâneas de seu pensamento. Reimprime-se também *O Espírito de São Francisco de Sales*, do bispo Pedro Camus, na edição resumida de Pedro Collot, da qual emerge um retrato fortemente amoroso e doce do Santo da Saboia, com seu irrefreável zelo pastoral que lhe fazia exclamar: “*Da mihi animas, caetera tolle*”. O espírito de São Francisco de Sales impregna a vida e a literatura espiritual do século XIX e influencia fortemente as orientações da piedade romântica, a par da sua figura que se torna símbolo do ardor apostólico e de método pastoral para os padres dos novos tempos.

Ao entrar para o seminário de Chieri, o clérigo Bosco encontra um ambiente exigente, todo centrado no compromisso ético, na fidelidade escrupulosa à regra, no exato cumprimento do dever, nas práticas de piedade quotidianas e na submissão humilde. Quando pede ao professor de filosofia “alguma norma de vida”, ouve esta resposta: “Uma coisa só, o cumprimento exato do dever” (MO 93). O estilo de vida do seminário é austero, caracterizado por forte tensão espiritual, guiado por formadores selecionados, com os quais João manterá sempre boas relações, apesar das reservas a respeito da distância entre eles e os seminaristas. O ideal sacerdotal é alimentado por leituras abundantes, comunitárias e individuais, por livros de meditação sobre o

bom sacerdote, pequenos manuais de piedade que nutrem os afetos durante as visitas na capela. O clérigo Bosco prefere obras hagiográficas, bíblicas e históricas³⁴. Os formadores insistem no respeito das regras, na necessidade de ser “dóceis e obedientes à disciplina”, não por temor ou formalidade, mas por “espírito interno”, “com a reta intenção de agradar somente a Deus”³⁵. Nas pequenas mensagens do arcebispo de Turim, dom Chiaveroti, aos seus seminaristas, lidas publicamente no refeitório, João pode notar também uma forte insistência sobre a destinação pastoral dos estudos: Deus chama um jovem ao estado eclesástico principalmente para um serviço de “santificação do próximo [...]”; por isso, não cumpriria satisfatoriamente o próprio dever quem se limitasse a santificar a si mesmo e não se interessasse pela salvação dos outros”³⁶. O zelo apostólico deve assinalar desde os primeiros passos o itinerário espiritual dos seminaristas, motivar todas as suas ações exteriores e interiores, pois são chamados a se tornarem pastores consagrados exclusivamente ao próprio ministério e ao povo, aptos a exercer a cura de almas que é “arte das artes e, entre todas, a mais difícil”³⁷. Um bom pastor deve sentir-se aceso pelo desejo de salvar os irmãos: “O que é, de fato, o pastor de almas, senão uma vítima daquela caridade que se deve exercer para com Deus e para com o próximo?”³⁸. O padre ideal apresentado por Chiaveroti é caracterizado pelo holocausto pastoral: não tem sono tranquilo, não vive dias sossegados, não dispõe de uma hora inteira para si; está totalmente voltado para o seu ministério. “Suplico-vos irmãos: até agora não resististes até o sangue, nem destes a própria vida pelas ovelhas, como deve fazer um bom pastor”³⁹.

Modulações românticas podem ser colhidas claramente na *Vida de Luís Comollo* (1844), reeditada com significativas integrações em 1854⁴⁰. É um documento precioso para compreender a evolução da sensibilidade espiritual entre a primeira e a segunda parte do século XIX; entre o clima intensamente emotivo e fervoroso, intimista, no qual tinha mergulhado o jovem Bosco nos anos do seminário, e a orientação operativa, apostólica, caritativa e social que a espiritualidade romântica assumiu depois de 1848, sob a pressão dos acontecimentos.

³⁴ Sobre as leituras do clérigo Bosco cf. mais adiante: nn. 305 e 309.

³⁵ Colombano CHIAVEROTI, *Raccolta delle lettere, omelie ed altre scritture*. Turim, Ghiringhello e Comp. 1835, vol. III, pp. 221-222.

³⁶ *Ibid.*, p. 247.

³⁷ Cf. *ibid.*, pp. 377-378.

³⁸ *Ibid.*, p. 414.

³⁹ *Ibid.*, p. 416.

⁴⁰ Veja mais à frente, n. 305.

c. A proposta espiritual do Colégio Eclesiástico de Turim

Depois da ordenação sacerdotal, Dom Bosco encontra no Colégio Eclesiástico um ambiente igualmente exigente, mas mais aberto e sensível às instâncias espirituais e pastorais do momento. Aqui, além do estudo, do recolhimento e da oração, ele se defronta com a exemplaridade moral e espiritual dos formadores, com o seu extraordinário zelo pastoral. O reitor, padre Luís Guala, o repetidor, padre Félix Golzio, mas particularmente o diretor espiritual, padre José Cafasso, como outros zelosos apóstolos do século XIX, tendem a harmonizar intimamente “o momento contemplativo com a comoção afetiva para com o Senhor, traduzindo a doçura dos afetos em ação religiosa” e pastoral; “a sua elevação a Deus em fé e caridade se traduz em atividade apostólica de compaixão e redenção”⁴¹. Dom Bosco escreve a respeito dos seus formadores: “Prisões, hospitais, púlpitos, institutos de beneficência, doentes em suas próprias casas, cidades, povoados e, podemos dizer, os palácios dos grandes e os tugúrios dos pobres, experimentaram os salutareos efeitos do zelo desses três luminares do clero de Turim. Eram eles os três modelos que a divina Providência me oferecia, e dependia só de mim seguir suas pegadas, doutrina e virtudes” (MO 120). É uma experiência determinante para a sua futura missão que o encaminha para aquela ascese apostólica que alicerçará a espiritualidade das suas congregações.

“A espiritualidade do Colégio Eclesiástico funda-se sobre a doutrina de São Francisco de Sales e de Santo Afonso de Ligório. O Colégio não forma à santidade pela santidade, como ocorre numa comunidade monacal; não educa a uma experiência mística; não convida a abandonar todos e tudo para atender somente a Deus e mergulhar em Deus. Limita-se a tornar os jovens sacerdotes conscientes de viver num mundo espiritualmente tumultuado; faz constatar que do lado cristão está tudo por fazer; qualifica os membros sacerdotes para uma ação incessante em favor das almas a salvar, oferecendo-lhes um conforto de acolhida apostólica caritativa. O Colégio procura convencer os sacerdotes de que o que eles devem propor aos fiéis e exigir deles (doutrina ortodoxa, espírito de oração e de mortificação, observância ética e canônica) exige necessariamente que antes seja por eles testemunhado de forma existencial. O Colégio não inculca aos padres e aos leigos uma doutrina espiritual nova, mas um voluntarismo ascético virtuoso dentro de uma prática fiel da piedade”⁴².

O ensino do Colégio, inspirado em Santo Afonso de Ligório, abre a mente de Dom Bosco para uma visão unitária: teologia moral, Sagrada Escritura, liturgia, teologia ascética e mística, mais do que tudo são nutrimen-

⁴¹ T. GOFEL, *La spiritualità dell'Ottocento...*, p. 29.

⁴² *Ibid.*, p. 191.

tos de vida interior e, portanto, elementos práticos para o seu ministério no contexto histórico de uma sociedade em plena transformação.

O modelo de padre representado no ensino e na prática do Colégio Eclesiástico harmoniza a visão salesiana com a ação apostólica espiritual jesuítica. Segundo São Francisco de Sales, a devoção consiste essencialmente em amar a Deus; ela gera um empenho ascético progressivo de purificação do coração, uma prática sempre mais intensa da oração e dos sacramentos, um diuturno exercício da virtude. E dado que a perfeição cristã é vocação comum para todos os cristãos, o pastor, no cuidado das almas, deve adaptar a devoção à condição, às forças, às ocupações e aos deveres de cada um em particular. A inspiração jesuítica acrescenta à devoção o empenho apostólico para a difusão do Reino de Deus com incansável doação e operosidade e com estilo batalhador, sempre conservando nesse tipo de vida ativa uma atitude interna de contemplação.

Sobre esse tronco doutrinal salesiano-jesuítico a espiritualidade dos anos oitocentos elabora uma experiência ascética própria. Considera que, dada a presença da graça do Espírito do Senhor (Jo 15,5), é possível o cristão atuar por si mesmo o próprio aperfeiçoamento. Há a convicção de que a perfeição espiritual “consiste num esforço habitual da boa vontade, numa tensão moral vigilante e perseverante da consciência sobre o domínio das próprias ações, numa atitude normal de autogoverno, de domínio de si, na tentativa de unificar o complexo mecanismo psicológico dos próprios instintos, das próprias paixões, dos próprios interesses, dos próprios sentimentos, das próprias reações interiores e exteriores, dos próprios pensamentos, sob o único comando diretivo, o amor de Deus e do próximo, norma suprema e vital da personalidade cristã”⁴³.

São precisamente esses os traços que distinguem a figura espiritual do padre Cafasso, delineada eficazmente por Dom Bosco na comemoração fúnebre, junto com um ascetismo severo (“rígida penitência”) orientado em função apostólica⁴⁴. Aos seus olhos, o mestre representa a síntese perfeita da santidade apostólica: “Posso dizer-lhes que encontrei muitos santos que brilharam de forma heroica nesta ou naquela virtude, mas creio que seja raro encontrar quem tenha unido na mesma pessoa tanta sabedoria, tanta prática das coisas humanas, tanta prudência, fortaleza, temperança, tanto zelo pelas coisas que

⁴³ *Ibid.*, pp. 63-64 (que cita um discurso de Paulo VI em “L’Osservatore romano” de 4 de março de 1976).

⁴⁴ Giovanni BOSCO, *Biografia del sacerdote Giuseppe Cafasso esposta in due ragionamenti funebri*. Turim, Tip. G. B. Paravia e Comp. 1860, pp. 9-45 (OE XII, 359-395).

tendem a promover a glória de Deus e a salvação das almas como foram vistas na pessoa do padre Cafasso”⁴⁵.

Outros temas favoritos no clima cultural e espiritual do século são os da providência e da misericórdia divina, da confiança e do abandono a Deus, da paz interior. Em Turim, São José Bento Cottolengo (1786-1842) intitula a sua obra *Pequena Casa da Divina Providência*; a marquesa Júlia di Barolo (1785-1864) funda as Irmãs de Sant’Ana e da Providência; o próprio Dom Bosco compila e publica um *Exercício de devoção à misericórdia de Deus* (1847). A entrega a Deus é um dos aspectos característicos da piedade oitocentista. É um convite que encontramos nas *Memórias do Oratório*, em várias obras de Dom Bosco e no seu epistolário, seja no sentido amplo de entrega confiante, dependência espiritual e oferta de si mesmo, seja como confiança na ajuda material para as necessidades concretas da vida. Mas, em Dom Bosco, a confiança e a entrega a Deus não são atitudes passivas, elas vêm acompanhadas por uma disposição operativa, uma inteligente busca de soluções e de oportunidades, uma doação incondicionada à missão recebida, aos próprios jovens e aos irmãos.

d. Acentuação ascética de Dom Bosco

“Dom Bosco, educado no Colégio Eclesiástico a uma ascese apostólica incessante, considerou oportuno oferecer aos seus clérigos colaboradores uma formação espiritual diferente da praticada nos seminários e nos noviciados. Estes formavam os clérigos e os noviços mediante total segregação do mundo, para criar neles mentalidade e costumes opostos aos dos leigos. Pelo contrário, Dom Bosco coloca os seus clérigos no meio dos jovens para que, com eles, compartilhem a piedade e os deveres. Considera que a doação apostólica é não somente um baluarte inexpugnável da moralidade, mas com certeza uma ascese altamente formativa do espírito caritativo”⁴⁶.

A ascese como caminho de santidade é proposta por Dom Bosco também aos jovens: “De quantas coisas precisamos para ser santos? De uma só coisa: *é preciso querer*. Sim, contanto que queiram, poderão ser santos; não falta nada, a não ser *querer*”. Demonstram-no os exemplos de santos “que viveram uma vida simples entre as canseiras de uma vida ativa”, mas que se santificaram simplesmente “fazendo bem tudo o que deviam fazer. Eles cumpriam todos os seus deveres para com Deus, tudo sofrendo por seu amor,

⁴⁵ *Ibid.*, pp. 96-97 (OE XII, 446-447).

⁴⁶ T. GOFFI, *La spiritualità dell'Ottocento...*, pp. 69-70.

oferecendo a ele suas penas, seus trabalhos. Esta é a grande ciência da salvação eterna e da santidade”⁴⁷.

Todavia, na espiritualidade de Dom Bosco, a lição da ascética clássica é reformulada numa perspectiva antropológica mais adequada para adolescentes e jovens. A sua pedagogia espiritual visa a propor um modelo formativo adaptado a eles, corrigindo as possíveis consequências de uma espiritualidade mal-entendida e chamando-os continuamente à concretude do viver quotidiano, que não somente deve ser aceito, mas abraçado com alegria, segundo o próprio estado de vida. Ele retoma e aplica à condição juvenil a perspectiva humanística e o ensinamento de São Francisco de Sales. Apresenta, assim, um tipo de mortificação “positiva”, da qual são excluídos destemperos e rigores inúteis, embora continuando exigente, pois toda ela está centrada nas situações da vida, nos deveres de estado.

Estamos diante de um dos pilares da proposta formativa do Santo. Ele leva em conta um leque muito vasto de deveres, todos os que derivam da própria condição: “deveres de piedade, respeito e obediência aos pais e de caridade para com todos”⁴⁸. Por conseguinte, sugere aos jovens alunos, não jejuns e rigores de própria escolha, mas “diligência no estudo, atenção nas aulas, obediência aos superiores, suportar os incômodos da vida, como o calor, o frio, o vento, a fome, a sede”, indo além da inevitável impressão dessas coisas como “necessidades” externas que se é forçado a suportar, e acolhendo-as serenamente “por amor de Deus”⁴⁹. No mesmo nível ele situa os deveres provenientes do preceito evangélico da caridade: usar de “muita bondade e caridade” para com o próximo, suportar seus defeitos, “dar bons conselhos e orientações”; “cumprir tarefas a pedido dos colegas, levar-lhes água, limpar os sapatos, servir à mesa [...], varrer o refeitório, o dormitório, levar o lixo, carregar pacotes, baús”. Todas essas coisas, segundo Dom Bosco, devem ser realizadas “com alegria” e “contentamento”. De fato, “a verdadeira penitência não consiste em fazer o que agrada a nós, mas o que agrada ao Senhor e que serve para promover a sua glória”⁵⁰. O valor espiritual dessas situações existenciais é garantido pela intenção com que são realizadas e pela finalidade que se confere a elas: “O que você deveria sofrer por necessidade – lembra a Domingos Savio –, ofereça-o a Deus, e tudo se torna virtude e merecimento para a sua alma”⁵¹.

⁴⁷ Giovanni BOSCO, *Vita di santa Zita serva e di san’Isidoro contadino*. Turim, P. De-Agostini 1853, pp. 6-7 (OE V, 176-177).

⁴⁸ Giovanni BOSCO, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d’Argentera*. Segunda edição. Turim, Tip. Dell’Oratorio di S. Franc. di Sales 1878², pp. 102-103.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 101.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 102-103.

⁵¹ Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell’oratorio di san Francesco di Sales*. Turim, Tip. G.B. Paravia e Comp. 1859, p. 75 (OE XI, 225).

Dom Bosco concorda com Santa Teresa de Lisieux em considerar a perfeição como vivência da caridade, mas enquanto as pessoas, em concreto, procuram ser serviçais em relação ao próximo, alheias a interesses egoístas, amavelmente serenas e fiéis aos próprios compromissos, mesmo entre contrariedades e sofrimentos. A mortificação proposta por Dom Bosco aos jovens é, antes de tudo, um *instrumento ascético e pedagógico* destinado a dominar as pulsões dos instintos, a controlar os sentidos, a corrigir os defeitos, a construir as virtudes: “Difícilmente um jovem pode conservar a inocência sem a penitência”⁵². “Vocês me dizem com frequência que tenho muitos defeitos – afirma o pastorzinho Francisco Besucco –, também por isso quero fazer jejum”⁵³. Mas o desejo de penitência na perspectiva de Dom Bosco tem também uma conotação *mística*; de fato, cresce em proporção ao grau de caridade interior: “Quando o amor de Deus toma conta de um coração, nada deste mundo, nenhum sofrimento o aflige; pelo contrário, cada incômodo da vida resulta em consolação. Nos corações ternos já nasce o nobre sentimento de que se sofre por um grande motivo e que aos sofrimentos da vida é reservada uma gloriosa recompensa na eternidade feliz”⁵⁴.

Existe, porém, mais: é a perspectiva amorosa na qual Dom Bosco propõe a ascese dos deveres. Ela se enraíza naquele “entregar-se a Deus em tempo”, enunciado em 1847 nas páginas do *Jovem Instruído* e desenvolvido nos anos seguintes naquele “dar-se a Deus por inteiro” como forma essencial (batismal) da vida cristã, com tal decisão e elã de modo a fixar um ponto sem retorno. Esta nos parece ser a perspectiva que perpassa toda a sua intervenção educativa como objetivo último para ajudar os jovens a configurar a própria vivência quotidiana como tensão de caridade oblativa. De fato, mais do que uma opção de religiosidade consciente e de coerência moral, quer educar para o dom incondicionado de si a Deus, amado acima de tudo, que é o vértice do caminho espiritual. Desse movimento interior brota necessariamente uma vivência gozosa e ardente de caridade, um intenso e sereno fervor operativo. Esta absoluta determinação de doação que faz com que o cristão entre naquele estado de plena obediência ao Pai de Jesus Cristo, na condição de servo, livremente assumida por amor, ilumina com luz nova o sentido e o valor das ações quotidianas. Deriva daí uma inédita modalidade de execução dessas ações que revela a qualidade da vivência cristã que o jovem alcançou.

⁵² *Ibid.*, p. 72 (OE XI, 222).

⁵³ G. BOSCO, *Il pastorello delle Alpi...*, p. 58.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 100.

Neste sentido, é exemplar a experiência de Miguel Magone narrada por Dom Bosco: a sua conversão “franca e decidida” gera uma nova percepção de si mesmo e da vida quotidiana. Se antes ele se resigna com dificuldade a abandonar o recreio, tão apreciado por ele, para cumprir os deveres, considerados um peso⁵⁵, a seguir é visto “correr por primeiro para os lugares onde o dever o chama”, com a vontade de proceder “sempre bem [...], com aplicação e diligência”. Nele se observa um decisivo amadurecimento interior, acompanhado por uma “total mudança, tanto no físico quanto no moral”, interpretada pelos educadores como sinal evidente da sua vontade de “querer dar-se todo à piedade [...], despojado do velho Adão”⁵⁶.

Na biografia de Francisco Besucco, Dom Bosco exprime de forma mais explícita a orientação “mística” da ascese. Ele delinea o empenho do pastorzinho e a sua diligência nos deveres como expressão da opção de conformação perfeita à vontade divina: “Veio para o Oratório com um objetivo determinado; por isso, no seu comportamento visava sempre ao fim que se tinha proposto, isto é, dar-se todo a Deus no estado eclesiástico. Com esta finalidade procurava progredir na ciência e na virtude”⁵⁷. Viver a concretude da vida, a intencionalidade operativa, a intensidade do empenho e a tensão para a perfeição (para “fazer sempre mais e sempre melhor”), que derivam desse movimento consciente do amor caritativo, impregnaram toda a existência do jovem, configurando uma atitude de desapego e de totalidade amorosa, de *kénosis* e de *êxtase*, análogo ao descrito por São Francisco de Sales como “êxtase da vida e das obras”, que constitui o vértice do caminho da perfeição⁵⁸.

Domingos Savio, fortemente emocionado pela incontável experiência mística desencadeada pela pregação sobre a santidade, “que inflamou todo o seu coração de amor de Deus”, é pressionado interiormente pela “necessidade” “de ser todo do Senhor”, é levado “a fazer rígidas penitências, passar longas horas em oração”. Dom Bosco o exorta “a não se perturbar”, a manter “uma constante e moderada alegria”, “a ser perseverante nos seus deveres de piedade e estudo”, “a sempre tomar parte no recreio com seus colegas”⁵⁹. Ao mesmo tempo o orienta quanto à santidade apostólica assimilada por ele na

⁵⁵ Giovanni BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Turim, Tip. G.B. Paravia e Comp. 1861, p. 15 (OE XIII, 169).

⁵⁶ *Ibid.*, pp. 33-39 (OE XIII, 187-193).

⁵⁷ G. BOSCO, *Il pastorello delle Alpi...*, p. 83: é a conclusão do capítulo 18, todo dedicado ao empenho no estudo enfrentado com doação amorosa e “com a afeição de quem faz a coisa de que mais gosta” (p. 80).

⁵⁸ FRANCESCO DI SALES, *Trattato dell'amor di Dio*. Por Ruggero Balboni. Milão, Paoline 1989, pp. 526-533: são os capítulos 7 e 8 do livro sétimo, nos quais o Santo desenvolve de forma mais explícita o tema da vida estática.

⁵⁹ G. BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico...*, pp. 50-52 (OE XI, 200-202).

escola do Colégio Eclesiástico: “A primeira coisa que lhe foi aconselhada para tornar-se santo foi a de se esforçar para conquistar almas para Deus; pois não há coisa mais santa no mundo do que cooperar para o bem das almas, cuja salvação custou a Jesus Cristo derramar até a última gota todo o seu sangue precioso”⁶⁰.

Como os demais homens espirituais formados na primeira parte do século XIX, convencidos de que a ação da graça impele para uma vida pessoal marcada pela ascese, fecunda de virtudes morais, de santa operosidade e de obras de caridade, Dom Bosco, embora impregnado de sentimento religioso, de devoção afetiva, desconfia da experiência mística, pois ela lhe parece suscetível de afastar dos deveres quotidianos e do serviço aos irmãos, uma mal-entendida *fuga mundi*. Prefere o empenho volitivo no bem, a imersão na vida, a operosidade virtuosa e alegre, a relação amiga e serviçal, particularmente a caridade apostólica: “a solicitude pelo bem das almas” e o zelo para “instruir os meninos nas verdades da fé” para “conquistar para Deus” toda a humanidade. “Deve-se notar, porém, que esta tensão ascético-operativa, esta propensão à caridade material e espiritual, à operosidade segundo “as necessidades dos tempos”, esta preocupação geral pelo empenho em benefício dos que sofrem e são marginalizados, esta preferência pelo fervor pastoral e missionário – características da espiritualidade de 1800 –, em Dom Bosco não se opõem absolutamente à comunhão interior com Deus; ele não descuida da oração de simples união, pelo contrário, se mostra dócil aos atrativos do Espírito Santo. “Podemos dizer que, no século XIX, todo santo é também necessariamente místico, dado que sua vida está radicada e floresce na graça-luz determinante do Espírito. Todavia, se se repara na consciência explícita que tem a respeito do seu estado espiritual e à maneira como o desenvolve, ele é um asceta e não um místico. No século XIX, o espiritual se reduz e se identifica com o moral-ascético”⁶¹.

e. Oração, sacramentos e devoção mariana

O cerne da espiritualidade dominante no século de Dom Bosco é sintetizado pelo título de um pequeno volume de Santo Afonso: *Do grande meio da oração para conseguir a salvação eterna*. De fato, esta é atitude de fundo, individual e coletiva, que se encontra na espiritualidade oitocentista perante as transformações profundas que caracterizam o século”⁶². No mundo católico, a

⁶⁰ *Ibid.*, p. 53 (OE XI, 203).

⁶¹ T. GOFEL, *La spiritualità dell'Ottocento...*, p. 68.

⁶² Pietro STELLA, *Prassi religiosa, spiritualità e mistica nell'Ottocento*, em *Storia dell'Italia religiosa*. Vol. III, *L'età contemporanea*, aos cuidados de Gabriele DE ROSA. Roma-Bari, Laterza 1995, p. 115.

percepção de uma incipiente desafeição das camadas populares pela prática religiosa e, mais ainda, os ataques sempre mais virulentos contra a Igreja, pequena nave de Pedro, ser sacudida pelas tempestades contra as suas instituições e a sua hierarquia, suscitam o recurso à oração de petição e ao mesmo tempo alimentam um espírito ativo e batalhador: renovam-se os propósitos e as devoções, multiplica-se o zelo pastoral, relança-se a ação missionária, criam-se as mais variadas obras de caridade, trabalha-se para uma profunda renovação moral e espiritual do clero e do laicato.

Dom Bosco se move precisamente nesse horizonte, com atenção voltada para os jovens e a sua formação. São muitas as devoções propostas livremente aos meninos do Oratório, mas o Santo “não favorece a exuberância devocional típica do catolicismo oitocentista, por receio de intimidar e cansar”⁶³. A oração que ele promove tem como primeiro objetivo a elevação do espírito, a orientação do coração para Deus, a invocação da graça para resistir às tentações, desapegar o coração do pecado e crescer na virtude. Fiel a esta linha, ele desenvolve uma pequena pedagogia da oração. As práticas de piedade são o caminho certo para alcançar o espírito de oração e ao mesmo tempo sua manifestação. No *Jovem Instruído* ele oferece os instrumentos simples para santificar toda ação até a conclusão do dia, quando, “pensando na presença de Deus, com as mãos juntas ao peito”, se haverá de descansar. Tudo é feito para Deus, atendendo “diligentemente” aos próprios deveres e “orientando cada ação para o Senhor”. São Luís Gonzaga é apresentado como modelo de união com Deus cultivada desde a infância, impregnada de tensão afetiva e de grande intimidade de amor: “Era preciso fazer grande violência para que ele parasse de rezar [...]. Glorioso São Luís, obtende-me uma centelha do vosso fervor e fazei que cresça sempre mais em mim o espírito de oração e de devoção”⁶⁴.

Dom Bosco respeita a sensibilidade juvenil e por isso insiste na afetividade, na intimidade divina, na amizade de Cristo, na ternura materna de Maria. É tarefa do educador cristão empenhar-se para “fazer com que os jovens adquiram gosto pela oração”, de tal modo que por meio da prática cheguem ao “espírito de oração” e ao “fervor” espiritual⁶⁵. Por isso, é preciso estimulá-los ao pensamento da “presença de Deus”, Pai Criador, levá-los “a conversar familiarmente com Deus” em qualquer lugar, como Domingos

⁶³ Massimo MARCOCCHI, *Alle radici della spiritualità di don Bosco*, em *Don Bosco nella storia*. Atos do 1º Congresso internacional de estudos sobre Dom Bosco (Universidade Pontificia Salesiana. Roma, 16-20 de janeiro de 1989) de Mario Midali. Roma, LAS 1990, p. 165.

⁶⁴ Giovanni BOSCO, *Il giovane provveduto per la pratica de' suoi doveri...* Turim, Tipografia Paravia e Comp. 1847, pp. 68-70 e 82 (OE II, 248-250 e 262).

⁶⁵ Cf. G. BOSCO, *Il pastorello delle Alpi...*, pp. 113-119 (OE XV, 355-361).

Savio que, “até mesmo no meio das diversões mais movimentadas, recolhia seus pensamentos e com pios afetos elevava o coração a Deus”⁶⁶. Dom Bosco cuida das atitudes externas (o sinal da cruz, a genuflexão, a postura do corpo⁶⁷) e propõe práticas de piedade sóbrias e agradáveis, não pesadas: “Coisas fáceis, que não assustem e nem cansem o fiel cristão, especialmente a juventude. Jejuns, orações longas, austeridades rigorosas e coisas semelhantes, em geral se omitem ou se praticam sofredamente e de má vontade. Fiquemos com coisas fáceis, mas que sejam feitas com perseverança”⁶⁸. Além disso, recomenda aos jovens: “A oração seja frequente e fervorosa, nunca, porém, de má vontade e perturbando os colegas; é melhor não rezar do que rezar mal. Como primeira coisa, pela manhã, ao despertar, fazei o sinal da cruz e elevai a mente a Deus com alguma oração jaculatória”⁶⁹.

Em perfeita sintonia com a espiritualidade do seu tempo, mediante esses meios, Dom Bosco tem em mente, para si mesmo e para os outros, alcançar um estado interior de amor permanente que impregne os pensamentos, unifique os afetos, oriente as ações. “Rezar quer dizer elevar o próprio coração a Deus e entreter-se com ele por meio de santos pensamentos e devotos sentimentos”, escreve no *Católico Instruído* de 1868⁷⁰. O estado de oração, no seu modo de ver, não é somente um “grau” de oração, porque vem sempre acompanhado por uma tensão de perfeição moral: desapego, esforço de superação e autocontrole, domínio de si, paciência, vigilância, fidelidade e constância. É um estado de ânimo recolhido, um estilo de vida modesto, concentrado no essencial, laborioso e caritativo, polarizado pela ação interior da graça que preserva da dispersão dos pensamentos e da banalidade das modas, sem nada subtrair à vivacidade grandiosa da existência. Uma dimensão interior de atmosfera elevada, a única realmente capaz de transformar o pátio, a escola, a oficina ou o escritório em lugares salesianos privilegiados do encontro com o Senhor.

Desse modo, o santo educador confere novo significado ao antigo preceito da *fuga mundi* num contexto de modernidade. Graças ao espírito de oração, o afastamento do mundo e ao mesmo tempo a imersão no mundo são duas atitudes que se compõem e harmonizam numa projeção de oferta, numa assunção das responsabilidades da vida em modalidades típicas do cristão.

⁶⁶ G. BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico...*, p. 62 (OE XI, 212).

⁶⁷ Cf. Giovanni BOSCO, *Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales*. Turim, Tipografia Salesiana 1877, pp. 64-68 (OE XXIX, 160-164).

⁶⁸ G. BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele...*, pp. 46-47 (OE XIII, 200-201).

⁶⁹ G. BOSCO, *Regolamento per le case...*, p. 63 (OE XXIX, 159).

⁷⁰ Giovanni BOSCO, *Il cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi*. Turim, Tip. dell'Oratorio di S. Franc. di Sales 1868, p. 87 (OE XIX, 95).

Oração, fervor apostólico e mortificação são aspectos de uma única atitude de consagração do coração. Proposta elevada, feita por Dom Bosco aos seus discípulos na vida consagrada, mas também aos rapazes mais simples, que ele exortava: “Coragem, portanto, comecemos logo a trabalhar para o Senhor; toca-nos sofrer alguma coisa neste mundo, mas depois será eterno o prêmio que teremos no outro”⁷¹.

A sua proposta espiritual, além disso, dá a máxima importância à prática sacramental: “Meus caros jovens, sabeis que os dois sustentáculos mais fortes que podem manter-vos de pé e caminhar pela estrada do céu são os sacramentos da confissão e da comunhão”⁷². Dom Bosco valoriza os sacramentos em perspectiva pedagógica e espiritual. A insistência sobre a frequência sacramental parte da consciência da fragilidade humana, da necessidade de apoiar a vontade para estabilizá-la no bem e na virtude; mas também da convicção da poderosa ação transformadora do Espírito Santo que, agindo no sacramento, opera a purificação radical e cria condições interiores ideais a fim de que o Senhor possa “tomar posse do coração” de maneira sempre mais sólida. Aqui se capta o motivo da sua insistência quanto à opção por um confessor estável, por um amigo da alma, ao qual entregar-se com plena confiança para ser conduzido pelos caminhos do Espírito. Na relação confidencial, o confessor personaliza a proposta espiritual: ensina a arte do exame de consciência, forma para o arrependimento perfeito, estimula o propósito eficaz, guia pelos caminhos do exercício das virtudes, introduz ao gosto da oração e à prática da presença de Deus, ensina os modos de uma fecunda comunhão com o Cristo eucarístico. Na pedagogia espiritual de Dom Bosco, confissão e comunhão frequentes estão intimamente ligadas. Com a confissão assídua e regular se promove a vida “na graça de Deus” e se alimenta a tensão virtuosa que permite aproximar-se sempre mais “dignamente” da comunhão frequente; ao mesmo tempo, mediante a comunhão eucarística, o jovem polariza sua vida em torno de Cristo e a graça encontra espaço para agir em profundidade, transformar e santificar.

Esta preocupação formativa dá substância e sentido à dimensão emotiva e afetiva com a qual Dom Bosco impregna a devoção eucarística. Durante o ofertório da missa, por exemplo, ele convida os jovens a assimilar os sentimentos de Cristo: “Eu vos ofereço o meu coração, a minha língua, para que no futuro eu não deseje e nem fale outra coisa, senão o que se refere ao vosso santo

⁷¹ G. BOSCO, *Il giovane provveduto...*, p. 73 (OE II, 253).

⁷² Giovanni BOSCO, *Regolamento dell'Oratorio di S. Francesco di Sales per gli esterni*. Turim, Tipografia Salesiana 1877, p. 36 (OE XXIX, 66).

serviço”⁷³. Assim, durante a ação de graças da comunhão conduz os jovens à consagração de si mesmos: “Ah, pudesse eu ter um coração como o dos serafins do céu a fim de que a minha alma ardesse sempre mais de amor pelo meu Deus! [...] Prometo que para o futuro vós sereis sempre a minha esperança, o meu conforto, somente vós sereis minha riqueza. [...] Eu vos ofereço todo o meu ser; eu vos ofereço esta vontade para que não queira outra coisa senão o que vos agrada; as minhas mãos, os meus pés, os meus olhos, a língua, a boca, a mente, o coração, tudo ofereço a vós; guardai todos estes meus sentimentos para que todo pensamento, toda ação não mire outra coisa senão o que for para vossa maior glória e para o bem espiritual da minha alma”⁷⁴.

São textos extraídos da literatura devota do tempo, mas se os lermos no contexto dos esforços formativos postos em prática por Dom Bosco, em particular no contexto do específico modelo de cristão e de cidadão promovido por ele, adquirem um valor particular e nos iluminam a respeito dos mecanismos postos em ação pelo santo educador, a fim de envolver interiormente os seus jovens em ordem à relação com Deus e à perfeição cristã.

Também a espiritualidade mariana de Dom Bosco tem nítida função pedagógica, embora mantendo as características típicas da devoção romântica e oitocentista. Como podemos constatar, por exemplo, no perfil biográfico de Miguel Magone, a devoção a Maria Santíssima culmina – como diz o padre Caviglia – numa “pedagogia da adolescência, que é particularmente uma pedagogia da castidade”, oferecida por Dom Bosco aos filhos mais humildes do povo, “arrancados das ruas à perversão dos cortiços e das famílias desorganizadas; ou então aos filhos pobres do campo, transviados ou em perigo de se tornarem tais por falta de corretivos sociais”⁷⁵.

Dom Bosco acrescenta algo mais. Conta-nos que Miguel, ao meditar o versículo bíblico escrito numa imagem de Maria – *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos* – se sentiu impelido a escrever uma carta ao diretor, “na qual dizia como a Bem-aventurada Virgem lhe tinha feito ouvir a sua voz, chamava-o a ser bom e que ela mesma queria ensinar-lhe o modo de temer a Deus, de amá-lo e servi-lo”⁷⁶. Aqui está: uma correta pedagogia mariana consegue fazer perceber o apelo interior do Espírito também a um rapaz, induzi-lo a uma atividade espiritual mais intensa e acender nele um desejo de maior perfeição.

⁷³ G. BOSCO, *Il giovane provveduto...*, p. 88 (OE II, 268).

⁷⁴ *Ibid.*, pp. 101-102 (OE II, 281-282).

⁷⁵ Alberto CAVIGLIA, *Il “Magone Michele” una classica esperienza educativa*, em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*. Turim, SEI 1965, vol. V, p. 162.

⁷⁶ G. BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele...*, pp. 39-40.

Na vida de Domingos Savio a tensão espiritual alcança o ápice com o ato formal celebrado na tarde da festa da Imaculada (8 de dezembro de 1854), quando o jovem renova as promessas da primeira comunhão e repete: “Maria, eu vos dou o meu coração; fazei que eu seja sempre vosso! Jesus e Maria, sede sempre os meus amigos! Mas, por piedade, fazei-me morrer antes que me aconteça a desgraça de cometer um só pecado!”. Desde esse dia, seu comportamento e seu espírito aparecem transfigurados: “Desde que tomou Maria como suporte da sua devoção – comenta Dom Bosco –, a moral vivida por ele foi tão edificante e acompanhada por tais atos de virtude que, a partir daquele momento, eu comecei a tomar nota deles para não me esquecer”⁷⁷. São expressões que revelam a dimensão dinâmica da devoção mariana instilada por Dom Bosco nos jovens: uma devoção não alheia ao cotidiano, mas aderente a ele, capaz de proporcionar energias morais e espirituais para a prática do bem, numa perspectiva de plenitude humana e espiritual que impregna a vida interior e a vida operativa.

4. Sugestões para a leitura do volume

Não é aqui o caso de demorar-nos a falar sobre Dom Bosco escritor e sobre os múltiplos motivos que o levaram a escrever, em grande parte relacionados com as profundas mudanças do país de que já se falou. O discurso foi abordado com competência por outros, entre os quais Pietro Stella, que subdividiu os escritos inéditos de Dom Bosco e as mais de 150 obras e opúsculos (mais de 400, com as reedições) em algumas categorias de síntese: *obras escolares; escritos amenos e atos cênicos; escritos hagiográficos; escritos biográficos e contos de fundo histórico; opúsculos de instrução religiosa e de oração; escritos relativos ao Oratório e à Obra Salesiana*.

Nessas três últimas categorias pode ser classificada a maior parte dos documentos recolhidos neste volume: cartas e circulares; regras e regulamentos diversos (para o Oratório, para as casas, as Companhias, a Sociedade Salesiana, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora); relatos da história do Oratório escritos em tempos diversos; opúsculos e circulares a Cooperadores e benfeitores, a autoridades políticas e religiosas; artigos no *Boletim Salesiano*; programas de festas e de colégios; pró-memórias em defesa das escolas salesianas ou para obter benefícios ou dar explicações sobre o andamento da Congregação ou das missões na Patagônia; resumos sucintos sobre o Sistema Preventivo; apontamentos de todo tipo, em particular sobre temas pedagógi-

⁷⁷ G. BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico...*, p. 40 (OE XI, 190).

cos e espirituais; recomendações e orientações de ordem educativa e formativa aos jovens ou aos salesianos; redação de sermões, boas-noites, conferências e “sonhos”; biografias edificantes de pessoas próximas a Dom Bosco, etc.

Diante de tão grande multiplicidade e variedade de escritos é evidente que, para uma leitura correta e para uma interpretação válida, será preciso ter presente, antes de tudo, o gênero literário de cada documento: cronicista, narrativo, biográfico, autobiográfico, jurídico, apologético, hagiográfico, dramático, edificante, homilético, confidencial, moralista, didascálico, escolar, compilatório, alegórico...

Em segundo lugar, é preciso considerar atentamente a intenção do autor: escrito para uso privado ou para a imprensa, destinado a uma só pessoa ou a mais destinatários, dirigido a uma autoridade ou a uma pessoa simples (homem, mulher, jovem, clérigo, sacerdote, religiosa, salesiano), para fins educativos ou em defesa do próprio agir, para informar ou para formar, provocado por uma situação particular ou desligado do tempo, etc.

Outros fatores que não devem ser esquecidos: a existência ou não de fases redacionais precedentes (um texto redigido ao correr da pena tem valor diverso de um texto muito elaborado; um texto especificamente pessoal difere de um que incorpora citações de outros...); a maneira como Dom Bosco o encaminha; o momento e as condições em que escreve este ou aquele documento (em tempo real ou tardiamente, como jovem padre repleto de sonhos ou como ancião fundador em tempo de avaliações, em períodos de sucessos fundacionais ou em momentos de crises institucionais, em pleno vigor das forças ou em momentos de doença e cansaço).

Além disso, é preciso ter claramente presente a característica fundamental dos escritos de Dom Bosco: o cuidado em expressar-se com a máxima simplicidade, sem pretensões especulativas ou literárias, de tal modo que até uma pessoa dotada de poucos conhecimentos possa compreender o sentido sem a ajuda de outros. Portanto, o seu é um estilo de redação simples, claro, ordenado, familiar, muitas vezes paterno, que visa a fazer-se entender, adaptado à inteligência de todos, particularmente capaz de falar ao coração de todos.

Finalmente, como é sabido, nos escritos e nos discursos destinados à formação dos salesianos, não se devem procurar páginas complexas de doutrina, nem espiritual nem pedagógica; não há profundas análises de índole sociológica ou de introspeção psicológica. Dom Bosco prefere propor reflexões que brotam da experiência pessoal, codificar um sistema educativo praticado e vivido. Tanto mais que algumas das suas convicções ou pré-compreensões desempenham uma função precisa, como a adesão a princípios de fé e a uma tradição indiscutível de vida e de prática cristã, a intangibilidade da religião e

do papado, a incompatibilidade da justiça cristã com toda rebelião à legítima autoridade, a “moralidade” de que devem estar impregnados todos os textos, a continuidade de uma praxe educativa que resultou eficaz. Se o motivo religioso é muito acentuado, talvez por causa das particulares tendências do tempo e da formação de Dom Bosco, o pedagógico também parece ressentir-se do específico ambiente histórico, geográfico e psicológico-social do Oratório de Valdocco e, nesse contexto, especialmente do clima e das exigências da seção de estudantes.

Em suma, é o sentido histórico que deve guiar o leitor dos escritos de Dom Bosco.

Este volume pode ser lido de forma cursiva, uma página depois da outra, sem omitir a introdução geral, que oferece quadros de referência essenciais e chaves de leitura. Pode ser lido também de forma temática, em busca de argumentos específicos. Seja como for, é determinante perguntar-se antes de folhear o volume o que esperamos dele. O motivo é simples: muitas vezes, um tema pode ser encontrado, não somente dentro da parte à qual parece referir-se – e na qual, por motivos práticos, foi inserido –, mas também em outras partes do volume. De fato, sabe-se que, em Dom Bosco, pedagogia e espiritualidade têm numerosos pontos de contato, de tal modo que muitas vezes as “fontes pedagógicas” podem ser consideradas, sem forçar, como “fontes espirituais”. Não só; também para uma compreensão da pedagogia da espiritualidade, o conhecimento da sua experiência de vida e de ação – “narrada” de diversas maneiras e em escritos com finalidades diferentes – é condição essencial para não antecipar interpretações unilaterais e avaliações abstratas. A esse respeito, o índice geral tem particular interesse.

Obviamente, o leitor não será o primeiro a ler os escritos de Dom Bosco aqui publicados; outros já os leram, contextualizados, analisados, interpretados antes dele. Portanto, a sabedoria exige que a bibliografia indicada ao pé da página e a resenha bibliográfica no fim do volume, assim como as edições críticas de cada um dos textos, façam parte de uma “bibliotecazinha” disponível a todos, em caso de necessidade.

5. Normas e critérios editoriais

Cada uma das partes em que se subdivide este volume tem uma identidade indicada pelos próprios títulos. Em cada uma das apresentações são especificadas as seções que dela fazem parte e nelas estão indicados os critérios de seleção dos textos escolhidos. Obviamente, essa criteriologia, por mais

subjetiva que seja, procurou levar em conta os grandes âmbitos da vida e da ação de Dom Bosco, a tipologia dos seus escritos, seus destinatários, o êxito alcançado.

Na coleção e seleção do material oferecido, houve preferência pelas edições críticas já existentes dos documentos e dos escritos de Dom Bosco, os manuscritos inéditos autógrafos e os textos impressos originais reproduzidos em edição anastática (Giovanni BOSCO, *Opere edite. Prima serie: Libri e opuscoli*. Roma, LAS, 37 volumes 1976-1977). Para os textos extraídos de conferências, cartas ou circulares, relatos de “boas-noites” ou “sonhos”, utilizaram-se os manuscritos autógrafos de Dom Bosco ou os apontamentos e os testemunhos escritos dos ouvintes, guardados no Arquivo Salesiano Central. Nesses casos, sempre se indica a posição nos arquivos e sua referência nas *Memórias Biográficas* (MB).

Na transcrição dos documentos, prestando atenção ao escopo da publicação e ao amplo leque de destinatários, procuramos oferecer uma edição o mais possível fiel aos originais, ao mesmo tempo, rigorosa e legível, isenta de aparatos complexos, próprios das edições críticas.

6. Critérios para a edição brasileira

Normas e critérios editoriais específicos para a língua italiana foram eliminados. Para a edição brasileira foram adotados os seguintes:

1. O conteúdo de algumas notas de rodapé que se referem a termos exclusivos da língua italiana, sem correspondentes em português, foi suprimido e substituído por três pontinhos entre colchetes [...]; todavia, foi mantida a numeração das notas, a fim de conservar exata correlação entre as notas da edição italiana e da edição brasileira.
2. A fim de explicitar algumas passagens menos compreensíveis, às notas já existentes acrescentaram-se algumas “notas do tradutor”: estas, distintas das demais, são assinaladas por um asterisco (*).
3. Nesta tradução foram aproveitados os textos existentes em português; fizeram-se, porém, adaptações em maior ou menor número, a fim de adequá-los melhor à nossa linguagem atual; na medida do possível, vez por vez se indicará donde foram extraídos.
4. A palavra “Oratório”, com letra maiúscula, é usada somente em dois casos: para referir-se ao Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco, e ao citar o nome oficial dos outros dois oratórios

de Turim: Oratório do Anjo da Guarda e Oratório de São Luís Gonzaga; nos demais casos, a palavra é escrita em letra minúscula.

5. Com frequência Dom Bosco cita de memória a Sagrada Escritura ou outros textos, sem indicar a proveniência; inclusive, algumas citações não correspondem exatamente ao original: esses textos foram respeitados tais como ele os escreveu.
6. Respeitou-se também a forma como Dom Bosco escreve os numerais: ora em algarismos, ora por extenso, sem coerência, às vezes dentro do mesmo texto.
7. Quanto aos nomes próprios, foram traduzidos somente os de pessoas já falecidas; os demais foram deixados no original. Este critério não foi aplicado às citações bibliográficas nas notas e na bibliografia no final do volume.
8. Manteve-se a forma de grafar: Camilo *di* Cavour, Provana *di* Colegno, Júlia *di* Barolo..., conservando o *di*, como no original italiano, dado que essa partícula faz parte do sobrenome.
9. Procurou-se evitar o mais possível o uso de letra maiúscula, muito frequente nos textos de Dom Bosco. São grafadas com letra maiúscula poucas expressões referentes ao tratamento de pessoas: Vossa (Sua) Santidade (Beatitude), Sacra Real Majestade...; todas as demais, em letra minúscula: vossa (sua) eminência, excelência, senhoria, etc.
10. Dado que a presente edição em português se destina mais à leitura informativa e formativa do que à pesquisa propriamente dita, após consultar instâncias superiores, julgou-se oportuno omitir o *Índice Analítico*, eminentemente complexo e minucioso, que consta da edição em italiano, considerando ser suficiente o *Índice Geral* que, por sinal, é muito detalhado.